ANNO XXVII — N.º 13
Rio, 1 de Abril de 1933
PREÇO: 1$000

Depois da festa...
o que nos molesta...

O MAIS puritano dos homens vê-se, ás vezes, socialmente obrigado a comparecer a uma festa, seja uma despedida de solteiro, o bota-fóra de um amigo, um casamento, um anniversario, etc. Por maior que seja a sua força de vontade, tem que acceitar um copinho, depois outro e outro mais... Quando menos espera, vê-se preso de uma alegria um tanto descompassada.

Mas, no dia seguinte, que prostração, que molleza, que "ressaca," que dôr de cabeça! Entretanto tem á mão a benemerita *Cafiaspirina*, não ha razão para amofinar-se. Dois comprimidos com um copo dagua produzem maravilhosos effeitos; logo desapparece a dôr de cabeça, passa o mal estar e são recuperadas as forças perdidas.

A *Cafiaspirina*, por ser de todo inoffensiva, pode ser tomada em qualquer occasião. É tambem excellente contra as nevralgias, os resfriados, as enxaquecas e dôres rheumaticas, as dôres de dentes, de ouvido, etc.

CAFIASPIRINA

o remedio de confiança

O conto brasileiro

O homem duplamente trahido

De Antonio Marrocos de Araujo

COM o espirito aventureiro e afoito de um authentico cearense, Romulo de Castro deixou, um dia, a pacata villa de Aquiraz e zarpou para Belem. Era naquelles aureos tempos em que a fabulosa Amazonia nadava em oiro, — como si fosse uma nova Golconda em que os sultões de Decan tivessem enterrado os seus preciosos e ricos thesouros.

Quando Romulo saltou em Belem, a cidade lhe pareceu uma Babylonia fascinante e vasta, deante da qual a lembrança de Aquiraz se teria perdido si não fosse a saudade torturante e impiedosa de sua casa, dos seus paes e irmãos. Acolhido por um parente, no cáes, o rapazinho começou a andar, tendo um olhar de ingenua admiração para cada cousa.

E, com um anno, agitava-se dentro de seu sêr uma outra alma, civilizada, limpa e alegre, toda despida daquella antiga saudade acabrunhadora, como uma arvore desbastada de parasitas. Expedito, lépido, vivo — como se diz — definira logo a sua carreira, sem esforço nenhum na escolha de sua vocação: ingressára no commercio. Mettido num escriptorio, os seus dias se consumiam num atarefamento fatigante de extracção de facturas, conhecimentos, guias.

As noites é que eram suas, — noites cheias de estrellas, e muits vezes de luar, abençoando o seu repouso tão cubiçado com a sua luz suave, com a sua leve brisa acariciante, com as suas festas de sons brincando no teclado de um piano ou nas cordas de um violão.

Quem era como Romulo de Castro, vadio, brincalhão, expansivo, ¡pródigo de galanteios, nababo do chiste, com uma inclinação doida para as pequenas — as deusas terrenas, como elle as appellidava, num requinte cavalheiresco de lisonja, — não podia fugir ao encanto, ao feitiço de se deixar prender por uma nortistazinha morena e deliciosa, de cabellos côr de noite sem astros, labios côr de sangue, dentes côr do marfim de Sian...

E dança na festa de hoje, e dança na outra de amanhã, sem sentir o trabalho secreto do amor, triçoeiro, esconso, subterraneo, minando a ingenua alma, infiltrando-se no innocente coração...

Alice Campos era morena attrahente, embriagante, possuindo algo de *beauté du diable*... E, macia, se foi deixando entrar, sorrateiramente, como uma serpente mais habil e astuciosa do que a do Paraiso, no sêr de Romulo, até prendel-o fortemente, num laço bem seguro, — tal aquelle com que uma giboia abraça um animal selvagem.

Em seis mezes, que lhe pareceram seis dias, viajaram, unidos e felizes, do namoro para o noivado e do noivado para o casamento, que se realizou numa festa de Nazareth, muito alegre, cheia de muita gente, de muita musica, de luz, — enscenação magnifica e estonteante para aquelle enlace tão sonhado, com anseios intraduziveis...

Uma pequena casa, que o sol doirava e aquecia, e o luar abençoava, nas noites silenciosas, e em que o vento passava cabriolando e conduzindo o aroma do jaridm nas suas leves azas invisiveis, — abrigou o casal satisfeito...

Dona Felicidade fez-lhes uma visita no primeiro dia do casamento, e gostou tanto da casa, que ficou morando com elles... Ella, que em casa de muitos conjuges não demorava mais de um mez, após o casamento, passou annos na residencia de Romulo... Era de um cuidado extremo, D. Felicidade: vigiava o casal, não permittia arrufos, evitava discordias, semeava de rosas, emfim, o caminho da vida para aquelles dois entes... Assistiu ao nascimento de uma creancinha, rozada e inquieta, e tratou della até que crescesse...

Quando esse enlevo do lar lar attingiu dez annos, D. Felicidade sahiu daquella casa, e, phantasiada de megera, transmudada no vulto da Desgraça, foi ao patrão de Romulo, fez um tal fuxico, soprou-lhe mil cousas ao ouvido, vomitou muita mentira e... fugiu. O chefe de familia viu-se, de repente, desempregado, e as difficuldades, a pobreza, as apprehensões cercaram aquelle lar, numa ronda macabra...

Palmilhar um caminho macio como velludo, para depois calcar um outro semeado de espinhos !... Romulo não desanimou: um mez depois, um navio o conduzia para o Rio, cidade grande, meio cosmopolita, de amplas possibilidades — como costumava dizer. A esposa e a filha ficaram em Belem, o pensamento voltado

(Cont. na pag. seguinte)

O HOMEM DUPLAMENTE TRAHIDO — (Continuaçã

para o protector que iria pelejar no sul, no meio da cubiça dos homens, principalmente dos homens que falavam outra lingua, homem sem coração... E elle demorou trez annos para se firmar entre estranhos, fazendo o alicerce da sua reputação.

Alice, durante essa ausencia, encarnou Penelope, talvez urdindo e desmanchando a mesma teia legendaria, esperando o chamado de Romulo — o seu bom Ulysses, que de certo, no Rio, não encontrára a frescura da Ogygia, com os seus bosques olorosos, nem o doce e divino convivio de Calypso, com a sua hospitalidade sem par, unica...

E um dia chega a carta, tão ansiosamente esperada, portadora do chamado salvador.

Um mez depois, installa-se no Rio aquelle mesmo lar que, em Belem, florescêra em affecto, em amor, em carinho...

A primeira visita que elles recebem é a de D. Felicidade. Ella chegou alegre, risonha, fazendo uma festa amiga, e nem explicou a sua longa ausencia... Disse logo que iria passar ali

uns tempos. Uns tempos... Talvez uma deca talvez um anno ,talvez um mez...

Depois de um anno, Romulo tem necessida de se ausentar do Rio, a negocios. O seu che precisára de seus serviços nas praças do norte alguns mezes na Bahia, outros tantos em Reci E elle parte... Moureja, numa faina bemdic visando o equilibrio financeiro de sua ca amealhando para a construcção do futuro da filha.

E um dia volta, e é recebido no cáes pel seus, de semblantes tão alegres... Vae, poré notando que aquella Alice não é a mesma. R veste-se, toda, uma frieza glacial, como si un camada espêssa de gelo tivesse coberto o ince dio da sua antiga paixão. Trata-o, agora, co delicadezas forçadas, visivelmente forçadas.

Certa vez, Romulo, fóra de seus habitos, e tra em casa ás duas horas da tarde.

— Onde está Alice? — pergunta á empr gada.

— D. Alice? Sahiu para o dentista, ou par o medico.

— Sozinha?

— Com a filha, como ella sempre sahe, h alguns mezes já.

Voltou ás seis horas para casa. Ella o recel com um beijo frio, e lhe diz, logo, enlaçand lhe o pescoço:

— Filho! Preciso de duzentos mil réis. Sa bes para que? Vou comprar um vestido para a parada de 7 de Setembro.

— Pois não! Amanhã tu os terás.

Feriado Nacional. 7 de Setembro. Muit festas nas ruas. Elle diz a Alice:

— Vou trabalhar pela manhã e almoçar num *restaurant*. Onde nos poderemos encon trar á tarde?

Ella pensou, pensou muito, pensou demais

— Ás duas horas, na Galeria Cruzeiro.

— Certo.

Na hora aprazada, Romulo lá estava, e Alic nada. 3 horas... 4 horas... Nada. Uma som bra de tristeza o invadiu todo... Somente ás seis horas elle chegou em casa.

E ella, abraçando-o:

— Foste á Galeria, filho?

— Não, não fui. Encontrei um amigo qu me...

A filha interrompeu:

— Mas, papae! Esperámos tanto pelo se nhor... Olhavamos as horas, e nada...

(Conclusão) — O HOMEM DUPLAMENTE TRAHIDO

A filha conluiava. Miseria! — apprehendeu Romulo, num relance.

Jantou e sahiu, assobiando, rodando a bengala, simulando alegria. Dentro do seu sêr desencadeava-se uma tormenta indescriptivel ... Elle era Othello; a filha, um espirito mais perfido e astuto do que o de Iago; e a mulher, uma Desdemona, não virtuosa como a da tragedia de Shakespeare, mas polluida, cynica, torpe...

Romulo era intelligente, frio, calmo, olhar de calculo, sem nada deixar transparecer do que lhe ia no intimo. "Hei de descobrir" — pensou, o cerebro delineando mil planos, num supremo esforço da intelligencia.

Penetrou o humbral da casa, em Laranjeiras, com o mesmo riso impassivel, dizendo:

— Alice, precisamos mudar-nos. O dono quer esta casa. Acharias bom S. Christovão?

— Sim! Como quizeres...

— Pois bem! Amanhã, domingo, iremos a S. Christovão olhar uma casa que já tenho em vista. E, no outro dia, sahiram. Em caminho, sós os dois, Romulo provocou:

— Alice, confessa: tens um amante. Eu sei de tudo, eu soube de tudo. Si não gostas mais de mim, sê franca. Diz. Poderemos separar-nos.

— Quem te contou?

— E, interrogando-o, chorou.

— Mas, Alice... Que te faltou em minha companhia? Si eu procurava até adivinhar teus pensamentos...

Ella pegou-lhe as mãos, allucinada, mostrando conhecer a grandeza de sua culpa e pedindo indulgencia:

— Perdôa. Eu serei tua, só tua, de hoje em deante.

— Mas quem é o teu amante? Dize tudo, uma vez que promettes te abrir o coração, purificando-o com a confissão.

E ella commovida:

— E' um advogado. Não quero mais lembrar-me delle. Não falemos mais nisso, que tenho um remorso...

— E tua filha sabia disso?

— Sabia... Mas, coitadinha! E' tão nova, é tão innocente. Não tem culpa...

A physionomia de Romulo fechára-se repentinamente, retratando o soffrimento moral, a dôr apunhalante que lhe torturava a alma. Murmurou, então:

— Voltemos. Depois veremos a casa.

E marcharam os dois para tomar o bonde, elle, grave, apparentando serenidade, ella, em expansões patheticas, implorando perdão.

Chegam á sua casa, em Laranjeiras.

Elle entra, olhar impassivel, frio, carregando um tormento horroroso dentro do espirito.

Senta-se um pouco, e reflecte.

E calmo, controlando admiravelmente os nervos, num dominio superior de homem que pensa, ensaia os passos, a principio vacillantes, mais aprumados depois, rumo da porta do seu lar, — outróra pórtico de um Paraiso, agora humbral de um Inferno...

Não mergulhou as mãos em sangue, não se entregou ao desespero.

E partiu para a Vida, levando o coarção duplamente golpeado pela trahição da mulher e pela perfidia da filha, mas immensamente forte, e capaz de lhes votar um desprêzo completo, um grande desprezo, mais cruel do que a bala de um revolver ou a lamina de um punhal, porque, em vez da carne, ia ferir-lhes a alma...

O marido. — La em baixo, na loja, uma senhora cahiu morta emquanto experimentava um vestido!
A esposa. — Meu Deus! E como era o vestido?...

A MULHER SEM CORAÇÃO

AS apparencias enganam, Sergio.

— Como explica você a attitude dessa mulher? Então, um homem ama-a loucamente como Carlos Alberto a amou e, quando suppõe possuil-a, essa mulher parte, sem uma lagrima, sem uma explicação siquer! Por que motivo o illudiu tanto tempo? Não, essa mulher não tem coração.

Delio accendeu calmamente o cigarro.

— Agora, que voltou, suppondo-a feliz, ao vêl-a passar, você não comprehende por que escuto com indifferença as censuras que lhe faz. Pois bem, ouça: — Foi num baile no Saldanha. Ella dançava. Mais uma semana e estaria noiva. Acenou para Edith. Queria dizer-lhe o quanto era feliz. As moças encaminharam-se para a *terrasse*. Antes que pudesse falar, a outra formulou a pergunta indiscreta: "Zilda? Não tem medo, Zilda?" Olhou-a surpreza. "Zilda? Quem é Zilda? Algum *flirt*?" "Não sabe?" Edith olhou-a. Percebeu que não podia recuar. Relatou tudo. A moça ouvia silenciosa.

"— Mas não fique triste. Apesar de tudo, essa mulher não o prende mais. Basta uma palavra sua, e elle a fará partir. Depois, ella não será mais que uma sombra que passou.

"— Ella ainda o ama?

— Sim, Zilda. Adora-o. De que valerá isso, si elle só se preoccupa com você? Zilda, perdôe o erro de um homem. Olvide o passado, uma vez que elle a ama.

"— Eu o perdôo, Edith. Quem soffreu um pouco comprehende as faltas alheias e perdôa. Zilda amou. Por elle manchou sua honra. Eu nunca o faria. Não consinto que essa mulher perca a unica coisa que possue — illusão. Carlos Alberto ama-me. Quando soffrer, vendo-me partir, ha de procural-a para que lhe enxugue as lagrimas. São assim os homens... Talvez ella o reconquiste. Então, eu é que terei sido uma sombra em sua vida..."

.. ..

Você sabe a vida leviana que ella tem levado. Edith é minha amiga. Por isso sei de tudo. A admiração, o profundo respeito que tenho por ella se transformou em amor. Seria infinitamente feliz si ella me amasse um dia, embóra, ao vêl-a passar, como ha pouco você, os outros murmurem: — "Falsa! Leviana!"

EILY ETIENNE DESSAUNE

JAHÚ — De A. Beltram Sousa

JAHÚ! Um colorido que se espraia de collina a collina, com rio cantante, rolando mansamente... e, moldurando o quadro soberbo de vida, outras collinas e cafezaes que se enfileiram, symbolizando luta, trabalho, esforços, progresso!

Jahú! Por sobre a immensidão do Atlantico sul, azas possantes luziram o nome que se fez conhecido por terras e terras, por povos e povos. E esse nome pequenino representa a minha cidade faceira que se levanta, encantando, lá bem distante, em plena região da terra roxa, lá nos confins desse São Paulo descobridor, lá bem longe... trezentos kilometros da Paulicéa, cento e quarenta leguas do Rio...

O que poderia, na simplicidade de uns rabiscos em revista mundana e metropolitana, revista bem mulher, dizer alguem, da sua cidade, para este Brasil todo, que não desconhece este nome?

Jahú! A igreja magestosa, que se debruça toda para a casaria que se extende sempre nova, por ruas e ruas, com nomes recordando phrases de sua vida, e com nomes encontrados por ahi, em todas as cidades... ruas, salas de toda a gente e com adornos proprios, elegantes umas, commerciaes outras, movimentadas todas... Jardins, que têm nas manhãs radiosas a algazarra feliz da criançada, e que reflectem, nas noites mornas, sonhos bons de namorados... Os templos perfeitos de caridade, acolhedores; as escolas, officinas modernas da cultura, monopolizando a mocidade esperançosa; o movietone e o vitaphone dos cinemas, os radios e as victrolas, perturbando a calmaria da vida do interior; o rodar barulhento de um milheiro de automoveis, os phones automaticos, e tanta coisa mais, tanta...

Jahú! Perdidos na curva do tempo os dias em que a poeira fina se transformava em nuvens; esquecido já, como parecendo pertencer a eras que se foram ha muito, carros de bois somnolentos... Hoje, a vertigem do modernismo, com o calçamento, com as parallelas de aço, com a caudal de caminhões transportando café, café, café! E dias e dias, o ouro magnifico do sol, a dar vida, animação... e nas noites com estrellas pyrilampejando na amplidão, a belleza simples das praças illuminadas, dos jardins inegualaveis da minha cidade, com a contemplação dos mais bellos olhos, desse feitiço estranho que emana de louras e morenas, dessas formosas filhas da cidade interiorana. Graça, belleza, distincção.

Na melancolia deste fim de domingo bem carioca, recordo a sublimidade quasi religiosa do entardecer na cidade distante; sinto uma grande, uma infinita saudade. Ha sempre um encanto maior, um sorriso melhor, na cidade que nos fala de tão perto, na cidade que é perola scintillante engastada no collar soberbo das cidades brasileiras.

PORQUE SOFFRER

QUANDO A POMADA E OS SUPPOSITORIOS MIDY

ME DARÃO O ALLIVIO DESEJADO ?

PRODUCTOS PARA OS QUAES NÃO HA CONTRA-INDICAÇÃO

DRAEGER

ROSENA (Estado do Rio) — Creia, mlle. (será senhorita ou madame?) juro como ao ler a sua cartinha gentil, onde tanto me elogia, tive a encantadora impressão de chupar um caramelo côr de rosa...

Que doce a sua literatura epistolar!

Não fosse uma irreverencia, uma falta de polidez e educação eu diria que ha missivas tão doces que nos fazem crêr que foram escriptas por pessôas habituadas a folhear a *Doceira Nacional*, edição da Livraria Quaresma...

V. ex. é extremamente encantadora. Escreve bem e parece ser temente a Deus — a julgar pela dose de pureza que se nota na sua cartinha amavel e bem feita.

Eis porque adoro as fluminenses, com todas as forças da minha alma pobretã...

Devo frisar que não escrevi nos ultimos numeros de *Fon-Fon*, porque tinhamos que occupar as nossas paginas de texto com o abundante serviço photograhpico, referente ao carnaval.

Agora, porém, recomeço as minhas secções com toda a regularidade.

Obrigado pelo seu interesse... epistolar...

XANDRA (S. Paulo) — Olá! Estou encantado de saber que ahi se preoccupam com a minha obscura pessôa e que cada uma das suas amiguinhas me suppõe um "bicho" differente.

Aqui no Rio, ha muitos me desejam conhecer, pessoalmente, por simples curiosidade. Pensam, naturalmente, que sou um chimpanzé, um orango-tango, um javalí, uma girafa ou outro qualquer animal raro da flora australiana...

Ora, eu sou um pobre bipede como os outros da minha especie.

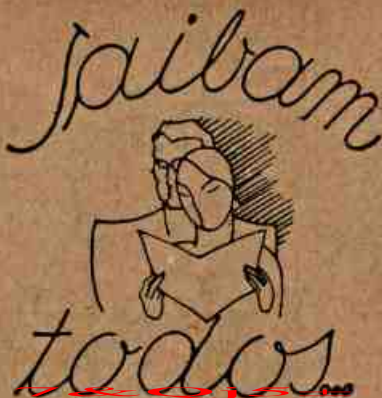
Juro, porém, que não tenho as orelhas compridas e não sou um solipede... Feio? E' possivel. E' bem exacto. Mas, a humanidade possue mais fealdade de que bellezas deslumbrantes.

Em summa: desde que me mande o seu endereço, eu lhe farei o pedido que me endereça...

E v. ex.? Será bonita? Será uma Venus? Será joven de 16 ou 35 e picos?

Vamos, minha illustre leitora... Um pouco de franqueza... Envie-me a sua photo... e um vidro de agua de flor de laranja... pois sou dado a vertigens... E, na duvida, a assistencia medica de emergencia é o que mais se me impõe...

Gostou?

YULA (?) — Uma poetisa? Mau, mau! Vejamos a arte da senhora *Yula*. Vae aqui uma pequena amostra do estro dessa diva, que é musa e deusa, flor, mulher simplesmente, *doublée* de intellectual.

Lá vem poesia:

PLENO SECULO...

Eu gosto tanto de voce...
Eu mesma, não sei porque...
Mas somos contra o casamento
e assim, eu não aguento
e nem voce aguenta...
Eu gosto tanto de voce...
nem é bem voce saber...
Vamos "blefar" o artigo 180?

SECULO PASSADO...

A noite entrou pela janela aberta...
Entrou devagarinho e passou
pelo meu corpo, seus dedos
frios e macios...
A noite entrou devagarinho...
E noiva ciumenta,
dos meus olhos tristes,
velou de negro o teu retrato...

Palavra de honra! O caso é de se dizer: pelo dedo se conhece o gigante.

Acredito que v. ex. só me offerece a ponta do seu dedo mindinho... literario para que me pronunciasse sobre o conjuncto da sua plastica poetica...

(Entre parenthesis: para se dizer "plastica poetica", tem-se que se fazer gymnastica com a lingua e os labios... Mas, todo esse sacrificio é em homenagem ao seu talento...)

Bem. Pela ponta do seu dedo não é facil adivinhar o resto... Mas é de crêr que, pela unha, bem cuidada (a estrophe inicial) v. ex. venha a ser, futuramente, uma maravilha... Isto é, um poema vivo... como poeta...

E, adeusinho, sim?

SOLITARIA (?) — Upa! Que paixão a de v. ex.! Ahi está! Admiro as mulheres que tem a sua força affectiva! V. ex., pela pujança, pelo enthusiasmo e as possibilidades do seu coração, não é uma dama, uma filha de Eva, uma mulher. V. ex. é uma machina de amar... e soffrer!

Soffrer! Palavra bonita, não é?

Mas, vamos á sua missiva:

"Yves: Sincero amigo. Como as demais vezes, abro o "Fon-Fon" e corro os olhos na pagina "Saibam todos" — a portadora de decepções para os que se julgaram um dia poetas — e vem-me o desejo de receber, não uma desillusão mas um applauso para as minhas poucas linhas. E para isto resolvi expôr á sua critica um dos meus primeiros trabalhos *litterarios*. Muito grata, aqui fica anciosa para lêr o numero vindouro de Fon-Fon, uma nova amiguinha e admiradora — *Solitaria*."

Attenção para o resto. Agora é a literatura da moça que ama como uma locomotiva, e soffre com a força de um bonde. Coragem!

AREIA DE PRAIAS

Primeiro bilhete

Meu amor!

Separamo-nos n'uma noite immensa e triste, em que a garôa pertinaz gelava os que ficavam.

Fiquei no trapiche, na esperança ingenua que o navio voltasse, a olhar-te muito, deixando sahir do peito angustiado, pedaços do coração.

Cada adeus que me dizias de longe eram partes que se desarraigavam e que queriam ir comtigo.

Com o ultimo apito do barco perdi a esperança da tua volta. Estavas longe!...

E lá te foste, nessa noite em que a garôa gelava os que ficavam e a distancia gelava os corações que se iam. — Tua, *Solitaria*.

Quem lê o seu *primeiro bilhete*, tem a impressão de que v. ex. não chegará a escrever o segundo.

Explica-se. V. ex. declara que, a cada adeus do seu amado, ia perdendo um pedaço do seu corpo.

Ora, si a culpa é de v. ex., é claro que *isso* é já um suicidio; mas, si o responsavel por esse esphacelamento é o ingrato que parte e a deixa no trapiche, é indiscutivel que elle não passa de um açougueiro... ou um Barba Azul esquartejador de mulheres bonitas...

Que tal, *D. Solitaria?*

LITA RODRIGUES (Capital) — A confissão de dôr, de saudade, de amargura, de qualquer sentimento, que seja, mesmo fingido, mas que parta de uma mulher, é uma coisa respeitavel. E', pelo menos, digna de attenção. Porque, hoje, com a evolução dos costumes e o scepticismo dominante, mormente em materia de amor, é difficil encontrar uma Eva que se dê á fraqueza de confessar que ama e soffre, de verdade.

Mais do que nunca a mulher hodierna se julga uma ranilha, com o direito de esmagar o homem como aquella serpente que fica sob os pés de Nossa Senhora da Penha. Isso quando ellas não suppõem que devem exigir a nossa pobre cabeça, á maneira de Salomé reclamando a de Iokanaan ou Omphale, degolando a de Holophernes.

Ora muito bem.

Tudo isso é real e é digno de registro, D. Lita.

Mas, quando uma mulher ama e soffre e não se sente capaz de gritar a sua dôr em versos magistraes, é preferivel, e é mais grandioso, até, que ella se atire como Magdalena, aos pés do homem amado, com lagrimas, ou sem ellas, ou escreva em prosa limpida, ardente e sinceramente feminina, como Sorôr Mariana ou Mlle. Adrienne Lecouvreur, essa formosa artista que tanto brilha na historia das amorosas francezas do seculo XVIII.

E já que falei nessa deliciosa mulher, quer saber qual foi o seu romance?

Mlle. Adrienne era uma tragica linda e sentimental, figura de relevo nas rodas artisticas e aristocraticas do famoso hotel de Bonillon. Apaixonando-se pelo conde de Saxe, que tanto a fizera soffrer, vem, ao fim de dez annos, encontrar D'Argental, que lhe dedicou uma affeição

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

---

indestructivel. Adrienne não se conformava com a idéa de perder um amor ideal, que era assim como um lenitivo, um derradeiro asylo para a sua alma maltratada por tanto golpes e tormentos. E, um dia, no auge do desespero quando a grande actriz sentiu que ia perder o seu D'Argental, ella não vacillou em lançar-lhe, uma carta cheia de soffrimentos e amor, este grito do seu coração esmagado: "Ne vous lassez ni d'être sage ni de m'aimer". E sempre desesperada, ella lhe pede que a ame, até á morte, ajuntando *"que ce ne sera pas bien long..."*

E' formidavel como grandeza de sentimento. Eu considero sublime a mulher que chora por amor, e não trepida em dizel-o, abertamente — seja como fôr. Menos em versos máus.

A poesia má tem o demerito de transformar em caricaturas risiveis, hilariantes, os assumptos bellos e grandiosos.

Olhe: tome o meu conselho: chame o seu amado ao telephone e diga-lhe, de viva voz, que o ama loucamente, e que soffre.

Em amor, todas as almas têm a mesma altitude. Não ha grandes nem pequenos. Não ha gestos feios, nem bonitos, para os que amam realmente. O Amor, com A maiusculo só tem um gesto e um acto: amar. O resto, é mentira. Tudo que não fôr feito por amor, e em nome deste amor, póde ser tudo menos o proprio amor.

Bem. Sinto que me estou enthusiasmando demais. Ha uma razão para isso: é que, por traz de mim, neste meu pequeno e modesto salão de estudo, em que escrevo, na calma do domingo burguez, (26 de março), ha um alto-falante. E, justamente, neste instante, ouço um violino que chóra um motivo triste de Schumann ou de Bach. Não sei... Sei apenas que o violino chóra, e chóra tão triste, tão amargo, tão desgraçado, como si estivesse dentro da minha alma...

Desculpe, si eu a deixei pensativa ou irritada.

WALDO (3) — Olá! Muito bem. O sr. é poeta, e como tal, pensa com o mestre Camões: *poetas por poetas sejam lidos e entendidos...*

Aqui vae o seu soneto-missiva:

A' GUISA DE CARTA AO YVES

—Consagrado e primoroso poeta, vantajosamente confirmado pelo "Esplendor Ephemero", publicado no *"Fon-Fon* de 4-2-933.

Meu melhor saudar.

Desejára escrever-te em phrases [burilaas,
Cujo Rythmo creado a uma Emo- [ção sem par
Produzisse a Belleza esthetica a [evocar
Profundas emoções das rimas in- [flammadas...

Nada disso consigo. As minhas [bem-a-madas
Fontes de inspirações andam dis- [persas no ar...
Colhêl-as... que desejo immenso [de me alçar
Ao cósmico clarão das noites cons- [telladas...

E' em vão!... Nada me anima!... [E a minha inspiração,
Cançada de sonhar um sonho in- [glorio, vão,
Cáe, prostrada, afinal, do esforço [e de cançaço...

Ai de mim!... Mas que importa? [Apraz-me a lucta, agora!...
Hei de leval-a a effeito... [e quero ouvir-te — em- [bora
Resulte, por meu mal, [deste ensaio, um fra- [casso!...

Resposta:

Muito bem, poeta valente, que nada tem dos me- [drosos.
Quiçira mostrar-se con- [tente,
pois lhe correm bem os [fados:
seus sonetos amorosos vão ser todos publicados...

Yves

O DONO DA SUA VONTADE

De

HORMINO LYRA

DOTADO de alma engenhosa, ponderada, justa, revestida de força de vontade é doutor Nadoje, um jovem e sympáthico ex-ministro de Estado, em cuja pasta immortalizára o nome honrado com os exemplos de civismo que déra aos seus concidadãos.

Portador de fulgurante intelligencia que, cultivada com esmêro, fôra de grande proveito para êlle próprio, para as coisas úteis, dês estudante da Faculdade de Direito da capital do seu Estado, na qual o laurearam, recompensa insigne que são os raros laureis conferidos pela escola superior a nunca mais de dois ou três, Nadoje foi sempre um estudioso consciente, com a perfeita noção do bem e do mal.

Afastado da política, vivia exclusivamente da profissão de advogado, que lhe era bastante rendosa, por ser reconhecidamente versado na sciência das leis, e só passára a occupar-se de negócios políticos, por não ser politicante, ao perceber que era opportuno ao seu Estado adquirir maior prestigio no seio do paiz.

Assim, — quando ardia a impaciência nos rincões mais afastados do Estado, bem como na capital, quando a espectativa acêrca de vindouros acontecimentos já era um soffrimento, — fôra êlle o vero organizador de certa campanha liberal na phase da luta armada, mas organizador consciencioso, prático, agindo sem nada dizer aos jornaes, sem os jornaes nada dizerem dêlle, e falando apenas ao coração dos auxiliares que o cercavam.

Na primeira arrancada expôz o peito ás balas; andou pelos quartéis, pelas repartições publicas; marchou como soldado da revolução; e só se recolheu ao retiro do seu gabinete quando victoriosos os seus ideaes.

Recolheu-se de novo, continuou em seu trabalho honesto e nada mais disse e nada mais falou nem ao coração dos auxiliares de outróra, até quando, carecendo a República de um novo orientador da política, foram amigos seus convencê-lo da necessidade da sua presença no Ministério, e acceitou uma pasta, commettendo grande renuncia dos lucros da banca de advogado, com prejuízo, portanto, de vantagens pecuniarias.

Acceitou. Trabalhou muito. Falou pouco.

Mais tarde, por motivos de interesse publico, de sentimentos cívicos, e privado de realizar as suas elevadas aspirações, não teve apego ao poder; renunciou ao honroso cargo de ministro e, salva a consciência, voltou tranquillamente para a sua tenda de trabalho intellectual, levando os encômios de todos os jornaes, deixando saudades infinitas.

* * *

A justiça e o poder da vontade têm grande ascendência na sua consciência, no seu eu. São-lhe os traços predominantes. Exemplo:

Formado em Direito, não quiz saber de emprego publico, de magistratura; foi tratar da profissão liberal, foi mais tarde para a redacção de um periódico.

Eleito deputado estadual, teve ingresso na Assembléa Legislativa. Alí, pela pureza de sentimentos, demorára menos do que esperavam os políticos; e alí muito brilhára a intelligência polyfórma, semeando a vernaculidade com a prosa modelar, impregnada de bom gosto, de delicadeza e rica de phrases elegantes, coloridas, vigorosas, leve a leve irônias, num estylo singelo mas empolgante e imperturbavelmente discreto sob a magia da sua palavra arrebatadora, e com a severidade das críticas intelligentes, desapaixonadas, e com a erudição maravilhosa da encyclopedia jurídica.

Muito moço, conhecido, ganhára muito dinheiro na profissão; e, em companhia de certos amigos, enveredára pelas farras e fôra indo caminho dos clubs elegantes da época. Como era natural, os ganhos iam tambem por lá ficando, até quando resolvêra contrahir matrimônio. Amára senhorita encantadora da mais fina flôr social da capital. Casára mas, ao correr dos tempos, soltava-se, de quando em quando, dos laços affáveis que o prendiam ao delicioso lar, dava a sua fugidinha e, com isso, perdia dinheiro.

Certa manhã, escutára a bôa espôsa regatear umas hortaliças. O vendedor estava irreductivel em deferir a pretensão da excellente dona de casa, diminuindo de alguns nickeis o preço da venda; e a compradora, versada em assumptos de finança caseira e cônscia dos seus deveres, não se conformava com ser enganada no negócio. E não o fôra.

O doutor Nadoje observára a *complicada* transacção commercial, e doêra-lhe a consciência. Na noite anterior gastára contos de reis num club; perdêra-os por falta de circumspecção, emquanto em casa, na manhã seguinte, a nobre companheira ia defendendo heroicamente uns nickeis para a economia do casal! Indignado comsigo próprio, protestára contra o seu procedimento... Não estava direito! Nunca mais iria a club! Nunca mais...

Fervilharam depois as intrigas em torno do seu afastamento dos clubs elegantes, no qual enxergavam tudo, menos carência de energia do doutor Nadoje para continuar no mau caminho. Inventaram-se histórias surprehendentes, verdadeiros desatinos, para se justificar a vida retirada do jovem advogado, mas ninguém se approximára da verdade.

E' êlle pae amantíssimo, marido exemplar.

Possúe a virtude da justiça. E' o dono da sua vontade.

Velhice

Rins Doentes

Velho aos Trinta Annos!

Antigamente todos Viviam Mais de Cem Annos!

Só se morria de Velhice

SABEM todos os Medicos que nos tempos mais antigos só se morria de Velhice.

Os homens somente morriam moços e fortes ás vezes na Caça, luctando contra os Animaes Ferozes das Florestas, ou então nas Guerras, quando feridos em combate pelos Soldados dos Exercitos inimigos.

Eram as Féras, na caça, e as Guerras que matavam os homens.

Fóra disto, elles só morriam de Velhice, depois de terem vivido Mais de Cem Annos!

Mais de Cem Annos!

Sempre assim.

Porque hoje em dia é a Vida tão curta?

Porque, em geral, todos cometem e praticam as maiores imprudencias, que arruinam e sacrificam a Saúde.

A razão é esta:

Todos sofrem do Estomago e intestinos, e assim, depois de algum tempo, ficam sofrendo tambem das mais perigosas Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Hoje, muito antes de Trinta Annos de idade, os homens começam a perder os cabellos, ficando calvos muito depressa; aos quarenta annos já parecem Velhos, com perda de memoria e das forças.

São certos orgãos do corpo, principalmente os Rins, que estão sofrendo, em consequencia das Fermentações Toxicas no Estomago e intestinos.

Com isto, pode-se até morrer de repente!

Para viver muitos e muitos annos e não ter nunca tão Dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem fortes, usando **Ventre-Livre.**

Nunca esquecer:

Só se pode curar Dor de Cabeça e qualquer Molestia dos Rins, tratando-se bem o Estomago e os intestinos.

Não use Nunca e Nunca remedios Fortes e Violentos.

Seja Prudente: Trate-se!

Use **Ventre-Livre**

NOTAS DE ARTE

ANNA PAVLOVA OU O RENASCIMENTO DA DANÇA. — A linguagem dos gestos e a linguagem dos sons apparecendo simultaneamente no mais remoto passado, e apparecendo como interpretes de emoções, para exprimirem sentimentos antes de traduzirem idéas, criaram a mais antiga das artes, "a mais natural e expressiva", como lhe chama o Philosopho, — a Dança.

Desse velho tronco foi que brotaram, por differenciações successivas, todas as artes.

Primeiro separaram-se as duas linguagens: destacou-se a musica da mimica; depois, a mimica produziu as artes plasticas e a musica as artes sonoras; formaram-se afinal os cinco gráos da escala esthetica: architectura, esculptura, pintura, musica e poesia.

De sorte que sob esse aspecto a dança pode considerar-se um genero de que são especies as outras artes.

O monumento, a estatua, o quadro, o poema phonico ou verbal são, por assim dizer, danças differenciadas; danças em que os gestos ficaram parados e mudos, e os sons se fizeram attitudes cantantes; gestos que se ouvem, sons que se vêem...

Mas tudo isso é mais phantasia do que realidade. De facto foi a dança supplantada pelas artes que gerou.

Durante toda a evolução artistica da Humanidade, após a differenciação inicial que a desdobrou em mimica e musica, a dança, se não desappareceu de todo figurou quasi sempre como arte secundaria e complementar nos salões e nos theatros.

Certo houve periodos em que brilhou como arte independente e autonoma, mas não conseguiu nunca subsistir com o mesmo esplendor que as artes della nascidas.

Após o progresso esthetico a ordem natural foi invertida: em vez de ser a dança geratriz das outras artes, são as outras artes geratrizes da dança. Os meneios choreographicos são mais expressões mimicas de obras plasticas e de poemas sonoros do que a plastica, a musica e a poesia, expressões da mimica.

Entretanto, a Dança hoje resurge. Abstrahindo das aberrações regressivas que são as danças primitivas americanizadas, é facto que a arte choreographica adquire dons de grande arte.

Combinando os bailados classicos dos Occidentaes, especialmente francezes e italianos, com as suas danças regionaes estylizadas, instituiram os russos o bailado que lhes traz o nome: o *bailado russo*. E instituindo-o, fizeram-no com tal esplendor que por si sós, constituem espectaculos autonomos, como uma exposição de artes plasticas, um concerto symphonico, uma representação dramatica ou de opera lyrica.

Alliam-se nessa obra os dois pontos de vista da evolução choreographica, combina-se a ordem natural com a ordem artificial; e que parece deva ser a dança normal a dança do futuro.

Commentar por gestos e attitudes os poemas plasticos e sonoros, ou traduzir em obras plasticas e phonicas os gestos e attitudes — são duas soluções do mesmo problema: tornar dynamico o que é apenas estatico; animar todos os rythmos; viver li-

nhas, côres e sons; fazer com que se ouça o que se vê, e se veja o que se ouve.

Realização magnifica desse objectivo eram os espectaculos da Companhia de Bailados Classicos de Anna Pavlova. Assistindo-se a elles, assistia-se ao desdobramento polymorpho de mil manifestações artisticas.

Com todos os recursos da scenographia e da indumentaria, num ambiente luminoso e sonoro, figuras aladas, mas de asas invisiveis, moviam-se em poeticos meneios; sonorizavam gestos e posturas; suggeriam quadros que deixam as telas, estatuas que descem dos pedestaes, poemas que se fazem musas; uma theoria de eleitos a perlustrar aerea a região estrellada... E a todas dominando a individualidade excepcional de Anna Pavlova, Anna Pavlova que só por si resumia, encarnava o bailado russo e symbolizava todos os bailados.

Ninguem, como a gloriosa slava, commentava nos seus minimos detalhes os poemas musicaes, nem os vivia com a sua alma de artista sem par.

Sem citar o primor com que interpretava as pantomimas, animando com a musica dos gestos a psychologia das personagens, basta recordar para gloria da artista a incomparavel mestria com que vivia o genero que creou: o *divertimento*. As danças de *Rondino*, *Papoula da California* e *Morte do Cysne* eram insuperaveis obras primas.

Sentia-se que a poetisa dos bailados se encorporava toda na vida dos seres que interpretava: mulher, flor ou ave. Se os cysnes cantam morrendo, ouvia-se o canto do cysne na dança de Pavlova. A mimica e a musica realizavam na immortal bailarina a sua mais intima harmonia: a mimica parecia musica, a musica parecia mimica; os sons se viam, os gestos cantavam... Com a dançarina sem rival tinha-se a impressão verdadeira de que a dança é realmente a expressão plastica da musica, e a expressão musical da plastica. Com ella a arte choreographica resurgia mais bella, mais empolgante que nos tempos idos do seu maior esplendor. Anna Pavlova marca um grande momento da evolução artistica: symboliza o renascimento da dança.

OSCAR D'ALVA

P. S. — E' no proximo dia 8 de abril que se realiza afinal o annunciado concerto da joven e applaudida cantora Abigail Parecis, que tão agradaveis impressões deixou, como interprete de opera lyrica quando foi das representações da Companhia Lyrica que funccionou no Theatro Alhambra nos ultimos dias do anno passado.

Abigail Parecis é uma artista genuinamente brasileira, como descendente immediata da raça aborigene da terra do Cruzeiro. Diz-se que nos Estados Unidos, onde já foi ouvida com applausos, lhe chamam — o *rouxinol brasileiro*.

— Recebemos e agradecemos o officio do Centro de Intercambio Musical Luso-Brasileiro, em que se nos communica a sua fundação em 5 de novembro do anno passado.

Alem do seu objectivo principal altamente elogiavel, como o de incentivar o intercambio musical entre o que chamamos Brasil da Europa, que é Portugal, e o Portugal da America, que é o Brasil — o C. I. M. L. B. teve a idéa de dar a sua direcção artistica a uma joven maestrina brasileira, srta. Joanidia Sodré, que assim terá meios de cultivar e aperfeiçoar os seus dotes de regente e realizar emfim a idéa que aqui suggerimos — crear a orchestra *Polyphonica* sob a sua direcção, que seja capaz de figurar ao lado da *Symphonica*, de Francisco Braga e da *Philarmonica*, de Burle Marx.

O. D'A.

A ALMA DOS CARRASCOS

Seria um erro suppôr que, fatalmente, a acção de enforcar, de electrocutar ou guilhôtinar os criminosos, supprime ou annulla toda especie de sentimento na alma dos verdugos.

Por mais extranho que pareça, ha carrascos bem sensiveis.

E nenhum o foi mais, talvez, que um dos que mais cabeças fizeram cahir: Carlos Henrique Samson — o executor da Revolução Franceza.

Pelo anno de 1830 o livreiro Maure teve a lembrança de pedir-lhe suas "Memórias" e encarregou Balzac de tomál-as e escrevêl-as. Celebrou-se, então, em casa de Samson um banquete, que se poderia chamar de "documentação", a que assistiram Balzac, Mame e varios literatos.

O verdugo, de anecdota em anecdota, de execução em execução, ante seus auditores, que o ouviam com calafrios, evocou o sangrento passado, o drama horrivel do terror. E o fez com tal emoção que todos os assistentes não puderam conservar sua serenidade, tendo um delles desmaiado.

Balzac nunca mais poude lembrar-se daquelle banquete sem se sentir mal. A emoção de Samson deixára no seu espirito uma impressão indelevel.

Mas ha outros carrascos tambem sensiveis.

John Ellis, o verdugo inglez, suicidou-se ha poucos annos, porque teve, um dia, de enforcar uma joven mulher. A condemnada, Mrs. Thomson fizera assassinar o marido pela mão do amante. Antes de ser enforcada arrastára-se aos pés do carrasco, abraçando-lhe os joelhos. E elle — o verdugo — enforcára um verdadeiro cadaver de mulher!

Desde então, suas noites foram agitadas, cheias de terriveis pesadellos. Cedeu seu cargo — quer dizer: sua corda —... a um substituto. Mas, a sombra da suppliciada continuou a torturar-lhe a vida de dia e de noite. E, por fim, para livrar-se de tal martyrio, suicidou-se.

Agora, ha bem pouco tempo, annunciou-se a morte um antigo carrasco, que soffrêra uma tortura parecida com a de John Ellis.

Dowler — o executor patibular da prisão de Harmoor, teve de electrocutar um pobre rapaz, cuja innocencia foi, ... depois, verificada. E — dizia — "desde a morte daquelle infeliz nunca mais tive socego".

A OBEDIENCIA E A PREGUIÇA

Em saber obedecer está a mais perfeita sciencia. — FREI G. TELLES.

* * *

O amôr faz a obediencia facil e doce. — DE GERARDO.

* * *

O que sahe da alma sem influencia de força estranha, é, tambem, verdadeira obediencia. — LOPE DE VEGA.

* * *

O homem preguiçoso só se occupa em matar o tempo, esquecido de que o tempo é que nos mata. — VARTAUR.

* * *

Sempre ouvireis os preguiçosos dizerem que têm desejo de fazer alguma cousa. — VAUVERNAGNES.

ATKINSON
LONDRES-PARIS-BUENOS AIRES-RIO
A' VENDA EM TODO O BRASIL

MELANCOLIA

DE PASSOS CABRAL

O sonhador chegou-se á mesa
do café.
Seus olhos eram longos de tristeza,
seu coração, talvez, perdêra a fé.

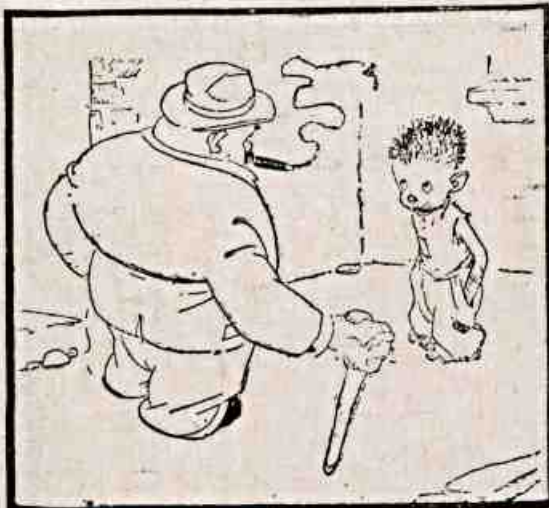
Vozes, timidos, toda a vida intensa
da cidade...
E tambem toda a amarga indifferença,
a universal ausencia da bondade.

A collisão brutal dos interesses...
O sonhador olhava, e comprehendia
que a belleza e a fantasia
nada são hoje em dia.
e ninguem mais attende ás nossas preces.

O céo, deserto de anjos.... A terra é do demonio:
desse espirito arguto e dilacerador,
que emprega o radiophónio,
para multiplicar, unicamente, a dor.

E a analyse subtil dos sentimentos,
e a negação do amor e do desinteresse...
Ah! mil vezes os homens rústicos, violentos,
nos quaes a natureza, ao menos, apparece!

Na cidade...
O sonhador olhava, e comprehendia
que ninguem mais sentiria,
de alma intangivel e fria,
a doçura irreal de um gesto de bondade...

Mas a vida lhe pesou de tal maneira
sobre os hombros oppressos,
viu nas paixões humanas taes excessos,
que se pôz a chorar...
—quem sabe? Essa amanhã, que a nosso olhar se esgueira,
talvez traga uma aurora verdadeira,
e que os santos e heróes, a vida inteira,
esperaram, num sonho millenar!

— De novo te encontro menáigando pelas ruas. Não te disse que era melhor que fosses á escola?

— Já fui, sim senhor; mas, lá, não me quizeram dar nada...

A mulher não precisa nascer bella. Os olhos se retocam. Os labios se corrigem. Os dentes tornam-se mais bellos e mais sadios por um tratamento intelligente.

O Creme Dental Gessy, contendo leite de magnesia, torna os dentes claros e brilhantes e combate o tartaro destruidor devido a sua formula anti-acida, na qual tem capital importancia o leite de magnesia. Faz a asepsia perfeita do meio buccal, estimulando, acima de tudo, as suas defesas naturaes, evita as fermentações resultantes de residuos alimentares e neutraliza, mesmo, o effeito daquelles que a escova não conseguiu retirar.

O Creme Dental Gessy é refrigerante e antiseptico e tem gosto agradavel e espuma rica e macia.

Embelleze e fortaleça os seus dentes. Habilite-se para sua victoria pessoal no torneio quotidiano da belleza. Visite o seu dentista duas vezes por anno e use Creme Dental Gessy trez vezes ao dia, ao levantar-se, depois do almoço e antes de deitar-se

O amor dos amores no romance dos romances!

Norma **SHEARER**

FREDRIC **MARCH** LESLIE **HOWARD**

dirigidos por **Sidney Franklin**, *numa* **Symphonia de belleza e romantismo. O mais apaixonante romance de amor destes ultimos annos!**

SEGUNDA-FEIRA, dia 3

PALACIO

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 13

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 1 de Abril de 1933

CRISTO E O SAMURAI

O *Imparcial* de S. Luiz do Maranhão, no seu número de 5 de novembro do ano passado, publicou uma notícia sensacional, que passou quasi despercebida á imprensa do resto do país. Contou que, na gloriosa Atenas Brasileira, na manhã do dia de Finados, estava toda a familia do dr. Alcides Pereira, conhecido advogado, reunida á mesa, quando sua esposa, ao tomar café numa tijelinha pertencente á sua neta de nome Tetéa, "notou que, ao lado dêsse recipiente, se desenhava uma figura, como que formada da nata do leite com café, chamando logo a atenção de todos os presentes". E, ó milagre dos milagres! Era a figura de Cristo com seu manto e sua auréola. A familia levou logo a pequena tijela á gerencia do *Imparcial*, onde muitas pessôas a examinaram, verificando que se tratava de fenómeno curiosissimo. E a curiosidade geral correu célere a mirar o vulto de Jesus estampado na porcelana doméstica.

Acrescenta o citado órgão: "O dr. Alcides Pereira levou-a ao fotógrafo sr. Gregorio Pantoja, estabelecido á rua Osvaldo Cruz, para tirar fotografias da interessante figura, temendo seu desaparecimento, e no emtanto a imagem lá está perfeita e nítida, segundo nos informa o mesmo causidico. E' notavel se notar que a unica posição que o fotógrafo encontrou para bater essa chapa foi ajoelhado".

Não ponho em dúvida o relato miraculoso do jornal maranhense; mas, como folclorista impenitente, afirmo que o caso não é novo nas tradições populares da humanidade. Antiga lenda japonêsa, lindamente transcrita por Lafcadio Hearn no seu livro *Kotto*, conta que o wakato Sekinai, escudeiro do daimio Nakagawa Sado, no quarto dia do primeiro mês de Tenwa, isto é, ha duzentos e quarenta anos, no bairro de Hongo, em Yedo, ao tomar chá numa das casas do quarteirão de Hakusan, viu de repente no fundo da chávena uma imagem que não era a sua. Olhou com espanto em torno de si. Não havia ninguem. Levou de novo a chávena á boca. Lá estava, no fundo, a imagem estranha. Sekinai atirou fóra o chá e examinou cuidadosamente o recipiente, que era de porcelana simples e sem valor. Tornou a deitar-lhe a infusão dourada e viu novamente uma cara que o mirava. Era um samurai com o seu capacete em que tremiam duas antenas.

Sekinai não conhecia jornais nem fotógrafos, que não existiam no Japão de seu tempo. Não tendo, pois, a quem relatar o milagre que lhe acontecia, nem podendo guardar a prova fotografica da aparição, enfureceu-se e, como era valente, exclamou:

— Não zombarás de mim mais tempo! Sejas quem fôr, eu te engulo!

E bebeu o chá, até a última gôta...

Mas, á noite, quando o wakato estava de sentinela á porta de seu senhor, apareceu-lhe o samurai da chicara de chá, que lhe falou com voz penetrante e baixa:

— Chamo-me Sikibu-Heimai e encontrei-o hoje pela primeira vez. Não me reconhece?

Sekinai respondeu calmamente que não e o outro, em tom sarcastico, aproximando-se:

— Ah! não me reconhece, então? Não me reconhece?! Entretanto, teve a ousadia de offender-me mortalmente esta manhã!...

Era a figura da chávena. Sekinai atirou-lhe um golpe de sabre ao pescoço. O samurai deu um salto e desapareceu, sem deixar vestigios, através da parede, como bom fantasma que era...

Ora, o que aconteceu no Japão ha dois séculos e meio, e agora no Maranhão, póde repetir-se. Portanto, cuidado ao tomardes quaisquer liquidos, leitores, em velhas tijelas ou chávenas de porcelana! O aparecimento dum samurai é estranho e apavorante, o de Nosso Senhor consóla e embalsama a alma; mas é que ninguem está livre de vêr no seu café com leite a carantonha do diabo e de engulí-lo com chifres, rabo e tudo o mais...

GUSTAVO BARROSO

Rendas de espuma

O GOSTO QUE AS MULHERES TÊM

HA dias, um meu amigo, homem mulherengo e preoccupado com as saias, me observava que ha mulheres *doces como bombons...*

Achei graça na sua definição. E concordei com elle plenamente.

No começo, ellas são adoraveis, na verdade. Tudo nellas é como um *marron glacé*, um desses doces saborosos que contêm chartreuse, kummel, ou hortelã pimenta...

Mas, depois, com o correr do tempo, se transformam de modo absoluto.

Umas enjôam. Parece que nos deixam na bôcca — pelo uso do beijo, é claro — um gosto de assucar permanente. Outras.... Outras adquirem um sabor de acidez. Tornam-se azedas como limão ou laranja verde.

Dirão os senhores: mas o limão dá o refresco; a laranja — idem. Esquecem que os refrigerantes bem pódem levar á grippe. *Vade retro* com a lembrança de tal doença.

Ha creaturas do sexo mau de Eva, que são amargas como rhuibarbo ou jiló. Essas mortaes nos olham sempre carrancudas, com gesticulações bruscas e muito pouco amaveis.

Na rua, trazem physionomias de sogras ou de quem passa por uma crise de colicas hepaticas.

A essa categoria se filiam as despeitadas "vieilles filles". Aquellas que vivem nas paginas realistas de Balzac e lembram, de algum modo, as "femmes savantes" de Molière.

Curiosas são as mulheres que não são doces, azedas, nem amargas. Por que? Porque travam, apenas.

Travam como si fossem feitas de tanino, ou daquellas tâmaras maduras a que o sabio Salomão comparava o gosto dos beijos puros de Sulamita.

São excellentes as mulheres que fazem pensar em tâmaras ou pitangas.

Que é uma creatura que trava?

Uma creatura caprichosa, irritadiça, ás vezes, demasiado pedante, como uma *bas bleu* ou *manicure* letrada. Mas, sempre é mais supportavel do que aquella que amarga como extracto molle de quina ou nox vomica.

Ha uma categoria sympathica.

Não sei si os senhores concordam commigo. Eu, pelo menos, prefiro-as ás outras todas.

Falo das que ardem como pimenta da Bahia.

E' certo que essas são, por vezes, bôas, sómente para um môlho. Fóra do prato de um guizado, de um vatapá ou de uma peixada valente, ellas não valem uma folha de couve...

Mas, eu gosto das mulheres que ardem como pimenta.

E, posto que não seja bahiano, não me darei ao trabalho de esclarecer a razão muito acceitavel da minha excellente extravagancia.

Adivinhem o porquê.

YVES

ARTE E ARTISTAS

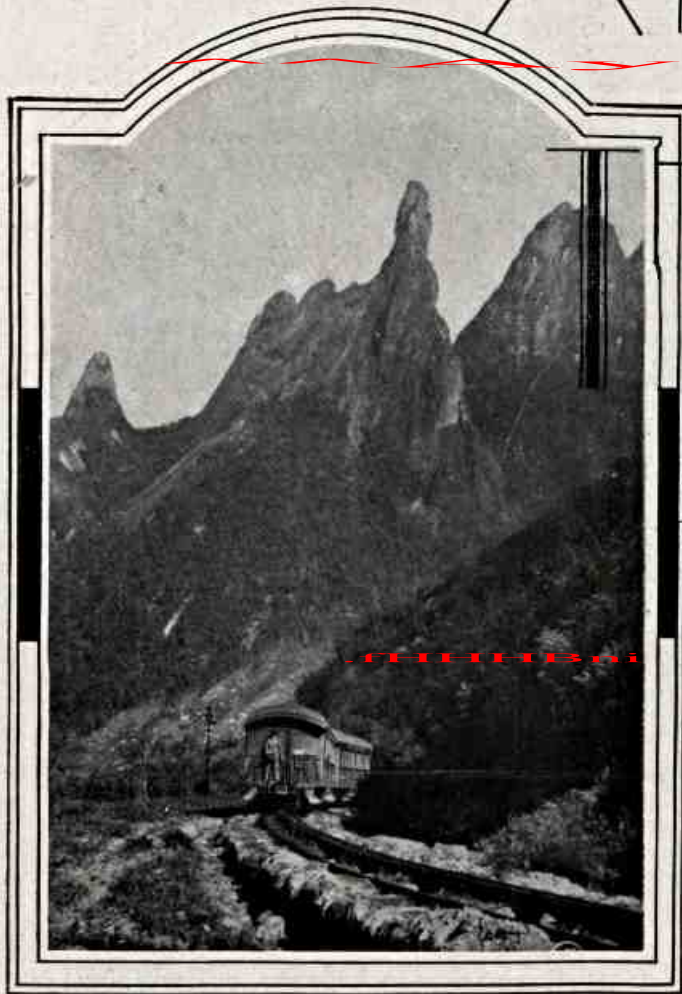
A senhorita Nysia Nobre de Almeida é uma joven pianista pernambucana, que se tem destacado nos meios artisticos do Recife. Ainda recentemente, a festejada artista sahiu vencedora no concurso organizado, naquella capital, pela Associação Nacional de Editores e Negociantes de Musica, executando com maestria e grande brilho as peças apresentadas no alludido certamen.

A mulher chic

Ensemble de ville en jersey gris fantaisie garni de renard gris. Marquis de feutre gris.
(Photo da Casa Jean Patou, especial para FON-FON).

Creação Jean Patou

A MAGIA DE THERESOPOLIS

OSORIO DUTRA

A arte fidalga, colorida e impressiva de Osorio Dutra — o poeta admiravel de *Castellos de Marfim*, *Céo Tropical* e outras obras que honram a poesia brasileira contemporanea— illustra, hoje, esta pagina de FON-FON, com este lindo e pitoresco poema — *Magia de Theresopolis*, especialmente escripto para a nossa revista.

Que invencivel poder exerce a Natureza
Sobre meus nervos lassos!

Neste recanto azul de Theresopolis,
Sinto que, de hora em hora,
Recobro as energias que perdêra
Na trabalhosa luta quotidiana.

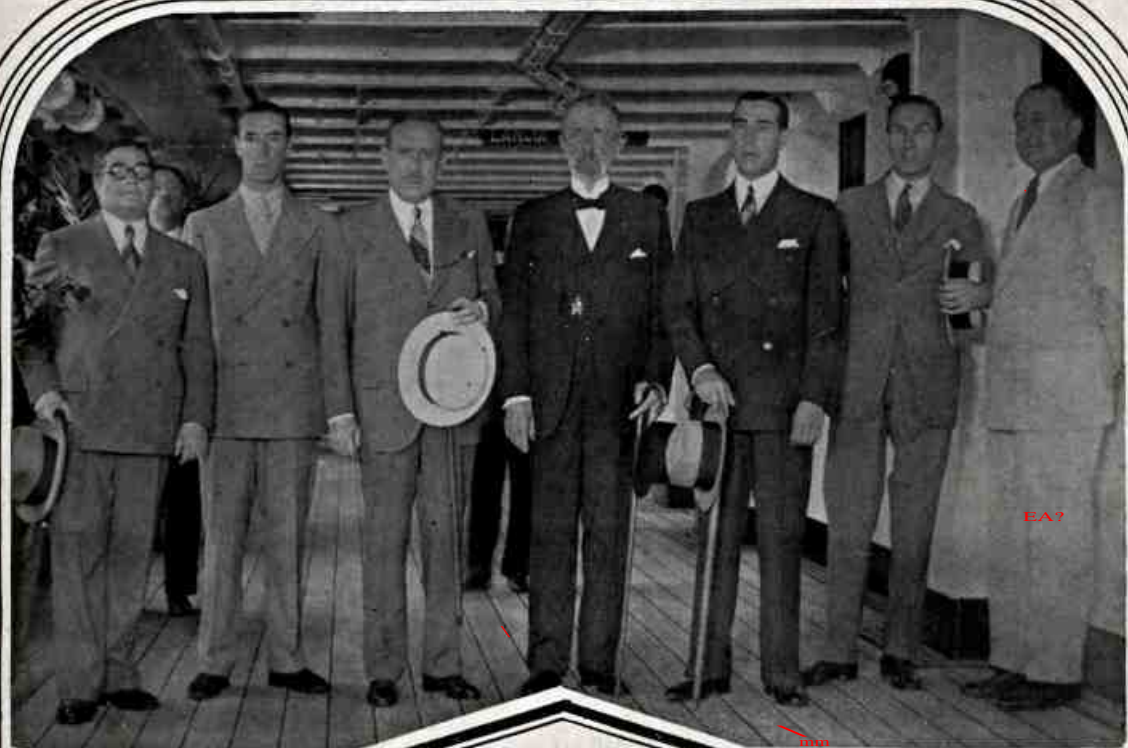
A vida
Como que tem aqui
O encanto ingenuo de um botão de rosa
Que se abre, a pouco e pouco,
Para a volupia mágica da luz.

O ar que respiro tem um cheiro forte
De musgo, de resina e de amora silvestre,
— Ar que faz bem aos meus pulmões,
Ar delicioso de pureza e suavidade,
Ar da Serra do Mar e do Dedo de Deus,

Ar que tem o perfume da Suissa
Dos arredores encantados de Montreux!

Na mais perfeita communhão,
Habitantes e forasteiros,
Arvores patriarchaes e pássaros vadios
Celebram, delirantes,
A festa biblica das côres e dos sons.

Exercitando os músculos cansados,
Estendo os braços para alçar meu sonho
Na curva do infinito,
E recordo as cidades millenares
Que conheci na Persia e nas Indias Inglezas.

Uma serenidade incomparavel
Toda a minha alma envolve de repente:
Visita-me a ventura
E eu sinto o coração, que bate no meu peito,
Alegre como aquelle fio dagua
Que desce da montanha!

Transitou sabbado pelo Rio de Janeiro, a caminho de Roma, a embaixada especial argentina que leva a missão de retribuir e agradecer a visita feita á nação do Prata pelo principe Humberto, herdeiro da corôa italiana. Chefiada pelo dr. Ezequiel Ramos Mejia, conta essa embaixada com varias personalidades de destaque no mundo diplomatico argentino. A bordo do «Conte Biancamano», foram os diplomatas platinos cumprimentados pelo embaixador Mora y Araújo e pelo representante do ministro das Relações Exteriores.

OBSESSÃO

— Flavia fôra o seu grande caso, a sua paixão culminante. Depois de uma vida amorosa quintessenciada, intensa e profunda, rica de ternura e de emoção, com a morte de Flavia vira-se elle só, desoladora, dolorosamente só. E doia-lhe tanto mais a solidão quanto tudo o que o cercava eram recordações da morta. Parecia-lhe até que os espelhos reflectiam ainda a sua imagem linda e todos os pequenos objectos em que costumava tocar guardavam a impressão dos seus dedos. O perfume que ella sempre usára errava pela casa silenciosa e deserta. Porque Flavia enchêra a casa com a sua risada crystallina e cascateante, risada inconfundivel, e sua voz grave e sonóra de cigarra cantadeira.

"Após alguns mezes de luto e reclusão no pequenino e outr'ora venturoso e alegre ninho, e para fugir á obsessão martyrizante que era a saudade de Flavia, emprehendeu uma longa viagem. E a correr novas terras e a ver novas gentes, passou elle dois annos. De volta, installou-se em luxuosa "garçonnière" de bairro elegante.

"Fôra então que viera a conhecer em um baile Maria Elisa. A meiguice, a bondade e candura que irradiavam de todos os seus gestos e palavras e a graça envolvente que emanava impressionaram-no agradavelmente. E uma sympathia mutua, uma attracção, a que nenhum tentára resistir, fizéra-os amigos. Com alguns mezes de convivio quasi diario — tudo era pretexto para se verem — a amizade cresceu, fortaleceu-se, tornou-se mais terna. E ficaram noivos. Tres mezes depois, elle recebia Maria Elisa como esposa. Foram felizes algum tempo. Pouco. Porque a lembrança da morta veiu de novo perseguil-o. Obsedante, torturante, allucinante.

"A sombra de Flavia interpunha-se entre elle e a mulher a todo momento. Si abraçava ou beijava Maria Elisa, parecia-lhe que era a outra que beijava ou cingia nos braços. Em sonhos, ouvia-lhe a voz, via-a, sentia-lhe a caricia dos dedos e a caricia do labio. E acordava com uma sensação de angustia inexprimivel. A antiga paixão resurgia despotica, impetuosa, selvatica, aniquiladora. Era delirio, era loucura.

"Agora eil-o aqui internado, com accessos periodicos de furia. E' um caso tristissimo, impressionante. Elle, que era um bello rapaz, robusto, intelligente e culto, é hoje um pobre farrapo humano..."

E, terminando, o director do Hospicio mostrou-me um homem ainda moço com o triste olhar embaciado e fixo dos loucos.

REGINA RIZZIERI

O interventor do Districto Federal, dr. Pedro Ernesto, em acto recente, effectivou no honroso posto de director-geral da secretaria do gabinete da Prefeitura o nosso distincto patricio e brilhante collega de imprensa, dr. Lourival Fontes. O acto do illustre chefe do governo municipal não poderia ser mais acertado, na sua expressão de justiça e de consagração de merecimento. Lourival Fontes não fazia jús á distincção que lhe foi conferida tão só pela sua admiravel capacidade de trabalho e de organização: tambem pela sua intelligencia, pela sua cultura e pelos nobres predicados que formam o seu caracter. Do «cercle» dos homens de intelligencia e de acção que se congregaram em torno da figura inesquecivel de Jackson de Figueiredo, annos atraz, seu nome se projectou, com muito brilho, no scenario intellectual desta capital, e do paiz, numa irradiação victoriosa, conquistada a golpes de talento. Espirito dynamico, emprehendedor, dotado de extraordinaria capacidade de trabalho, Lourival Fontes, no exercicio das altas funcções

que lhe foram commettidas, vem prestando ao governo do Districto Federal os melhores e mais efficientes serviços.

O professor Olympio da Fonseca Filho, que acaba de ser nomeado cathedratico da cadeira de Parasitologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, foi, juntamente com o dr. A. F. da Costa Junior, docente da mesma cadeira, homenageado pelos seus collegas da Clinica Dermatologica daquelle estabelecimento, os quaes lhe offereceram um almoço, na semana passada.

A Commissão Sportiva do Automovel Club do Brasil, presidida pelo dr. Reynaldo de Aragão, reuniu em um almoço de confraternização, sexta-feira penultima, varios jornalistas cariocas, e representantes das agencias telegraphicas e das emprezas de radio-diffusão, para homenageal-os e apresentar-lhes o programma official da «Quinzena Automobilistica Internacional», que se realizará nesta capital, de 16 a 30 de julho proximo, por iniciativa da Prefeitura do Districto Federal, e sob o patrocinio daquella grande instituição sportivo-mundana. Como convidado de honra, e representando o dr. Pedro Ernesto, interventor do Districto Federal, compareceu o dr. Lourival Fontes, director-geral da secretaria do gabinete do governador da cidade e director de Turismo da Prefeitura, o qual disse, á sobremesa, algumas palavras bem expressivas sobre o momento turistico internacional, realçando o papel do Automovel Club nesse movimento e exaltando a figura do «sportman» brasileiro Manoel de Teffé, que se achava presente na mesa do ágape. Falaram tambem o dr. Reynaldo de Aragão, offerecendo o almoço; o dr. Porto da Silveira, agradecendo-o, em nome dos jornalistas homenageados, e, por fim, o nosso confrade da imprensa argentina Dupuy de Lome Moreno.

No salão de banquetes do Automovel Club do Brasil realizou-se no ultimo sabbado o almoço com que os collegas, amigos e admiradores do major dr. Agricola Bethlem lhe prestaram expressiva e carinhosa homenagem, congratulando-se pela sua nomeação para o alto cargo de superintendente do ensino secundario, bem como pelo desempenho que aquelle illustre e culto patricio vem dando á honrosa missão que lhe foi confiada. Nessa justa manifestação de sympathia e apreço tributada ao notavel professor e digno chefe daquelle importante departamento da Directoria Geral da Educação tomaram parte varias individualidades de destaque nos circulos sociaes desta capital — professores, intellectuaes, jornalistas, autoridades civis e militares, inspectores do ensino secundario — tendo comparecido tambem o dr. Washington Pires, ministro da Educação e Saúde Publica e o capitão Dulcidio Cardoso, director geral da Educação.

Precedida da apposição do retrato do prof. Gosset no Serviço de Cirurgia do dr. J. Baptista Canto, realizou-se terça-feira pela manhã, na séde da Policlinica de Botafogo, a cerimonia inaugural do Pavilhão de Ensino alli creado por iniciativa do prof. Luiz Barbosa, que é grande animador daquella benemerita instituição.

DA SOCIEDADE

Nem todos os actos que praticamos ficam esquecidos ou entregues ao indifferentismo. Temos um ente que é ao mesmo tempo abstracto e concreto, ao qual devemos satisfações.

Quer queiramos quer não, a sociedade nos acompanha onde quer que estejamos. Ella, nesse ponto, se parece com a consciência. Differe entretanto, porque nos cerca e exige muito, para nos desamparar depois...

A sociedade é a companheira que espreita e tenta, mas não guia... A sua critica é sempre injusta, pois, além de exaggerar factos de somenos importancia, não possue o senso da relatividade.

A sociedade é constituida de pontos fracos. A sua unica virtude é saber prevenir...

ALEXANDRE PASSOS

Figura de inconfundivel e expressivo relevo no scenario da actividade politica e administrativa do paiz, o actual titular da pasta da Educação e Saúde Publica, dr. Washington Pires, vem realizando nesse importante departamento do serviço publico uma obra constructiva da maior relevancia, intelligentemente orientada e dirigida, e que muito recommenda o nome e as qualidades de organizador daquelle illustre patricio. Aliás, não é estranhavel que assim aconteça: essa affirmação de capacidade tinha a auspicial-a as melhores e mais positivas credenciaes. Credenciaes de intelligencia e de cultura. Cathedratico de medicina legal na Faculdade de Direito e na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Geraes; director da Escola de Odontologia e Pharmacia da referida Universidade; ex-presidente do Conselho Penitenciario do seu Estado, tendo conquistado ainda as suas cathedras no magisterio superior em concursos memoraveis, o dr. Washington Pires, medico e scientista notavel, está a concluir tambem o seu curso de Direito, enriquecendo assim, ainda mais, os admiraveis recursos mentaes e culturaes de que dispõe. Ha, pois, muito que esperar da sua intelligencia esclarecida e dynamica, do seu illuminado e culto espirito.

O illustre pintor Hernani de Irajá, que é um artista «doublé» de scientista, por isso que, á sua qualidade de discipulo de Miguel Angelo, reúne as de medico e escriptor, inaugurou, sabbado ultimo, no Palace-Hotel, com uma linda exposição dos seus ultimos trabalhos, a série de mostras individuaes da Associação dos Artistas Brasileiros no corrente anno. A solennidade da abertura da exposição de Hernani de Irajá foi um legitimo acontecimento de arte e mundanismo, pois reuniu varias figuras de destaque nos circulos artisticos e sociaes do Rio de Janeiro, onde o pintor tantas vezes laureado em nossos salões desfructa de largo prestigio e da maior sympathia.

CALMO, sereno, triste quando o céo é triste, alegre quando alegre está a natureza, o rio deslisa eternamente, levado por um destino invariavel.

Vem de longe, do segredo das serras, gerado no mysterio de uma nascente que se comprime entre as pedras, e vae se perder no infinito do mar, onde todas as aguas se confundem.

Vive impregnado do sentimento da Creação. Quando o dia é sombrio, elle anda turvo, tristonho, pardacento, grave e pesado como si arrastasse em seu dorso um funeral; até mesmo o murmurio de suas aguas sobre as pedras tem uma profunda melancolia. Mas, si uma nesga azul de céo se rasga, si um raio de sol brinca sobre o verde das arvores, eis que todo elle se faz alegre, que se doira e se enfeita, que saltita leve e ligeiro, enchendo o ar de um ruido que parece um hymno de felicidade.

E como é bom o rio!

Foi elle quem fez abrir os lyrios selvagens que pontilham de branco o recesso da margem e espalham através a noite um perfume quente e doce; é elle quem fecunda a terra, infiltrando-lhe pelos póros a sua agua para que as grandes raizes dos vegetaes gigantescos possam mitigar a sêde e produzir a seiva; aqui, elle mantem sempre verde a relva que os animaes colhem; alem, refresca a garganta do viajante extenuado; mais abaixo, permitte que ganhem a vida as lavadeiras que se debruçam, alacres, sobre a margem barrenta.

O espelho das aguas

* * *

Para o rio se curvam as féras e os pássaros; nelle bebem as plantas que dão vida e as raizes que matam; das suas aguas se servem o criminoso foragido e a criança innocente; e a todos o colosso acolhe e serve, indifferentemente, cantando e sorrindo, feliz só por fazer o bem.

Si amanhã o rio seccasse, toda a natureza havia de chorál-o.

Chorava-o a terra, que se faria esteril, árida, inutil; chorava-o a gamelleira, cujas grossas raizes em vão se aprofundariam em busca de uma gotta d'agua; havia de chorál-o o caminhante quando o cansaço lhe queimasse a garganta; e certo que o chorariam tambem o sol, as estrellas e a lua, que não teriam mais, para reflectil-os aqui na terra, a grande faixa prateada e movediça.

A propria noite, sem a canção monotona da agua deslisando sobre as pedras, havia de guardar o silencio de um saudade immensa...

* * *

A tua vida lembra o rio.

Como elle, tu vens do infinito, que é impenetravel, e, como elle corres inalteravelmente para o grande oceano da Eternidade, onde todas as almas se confundem. Nada te deterá, como nada detem as aguas, e has de rolar sempre, impellido pelo Destino, seja pedregoso ou macio o teu leito, para o segredo de uma finalidade que é tão grande e incomprehensivel como o mar.

E, si a tua vida é como o rio, por que não serás tu tambem igual a elle?

Vive do sentimento daquillo que te cerca, porque a natureza foi feita para o encanto dos teus olhos; bebe a luz e bebe o sol, porque nada de mais bello te será dado alem da claridade que banha todas as coisas; leva comtigo, no peito, o que amares, como o rio leva comsigo, ciumento, as flores que beijou. Que o escarneo alheio não te deixe ferida na alma, como não deixa cicatriz nas aguas a pedra que mão injusta arremessou. Perdôa a ingratidão dos homens, como o rio perdôa ao viajante que nelle uma vez matou a sêde e depois voltou-lhe as costas para sempre. Acaricia a belleza sumptuosa do lyrio, mas não esqueças jamais a trapoeiraba humilde que se encolheu a um canto da margem para abrir a tristeza das suas flôres azues. Protege o barqueiro que vae navegando tranquillo, garantido pela vela, mas não esqueças a criança que, innocente e incauta, vae caminhando pela margem, arrastando os pésinhos á beira do abysmo.

Acima de tudo, sê bom, para que pessas deixar na vida um pensamento de saudade!

Porque deve ser triste, muito triste, ser um rio num deserto e saber que se não deixa para traz, no fim da jornada, nem ao menos um soluço de lamentação, nem ao menos uma lagrima nos olhos de alguem que nos quiz bem...

O FALLECIMENTO DESSE ILLUSTRE MILITAR

ESTA' de luto o Exercito nacional. Sabbado proximo passado desapparecia uma das suas figuras mais precipuas, um dos seus vultos mais authenticamente representativos — o general de divisão João de Deus Menna Barreto. Membro eminente e venerando de uma das mais illustres familias patricias, que tantos servidores tem dado á Patria, nas fileiras do seu Exercito, o velho cabo de guerra, que vem de desapparecer, era possuidor de uma fé de officio das que mais possam honrar e enaltecer um verdadeiro soldado. Energico, sereno, ponderado, suas attitudes reflectiam sempre a nobreza e elevação dos altos sentimentos de patriotismo que inspiravam e dictavam seus actos. Na guerra e na paz, o general Menna Barreto prestou inestimaveis serviços ao Brasil. Ainda é de hontem, o papel preponderante que lhe coube quando, por occasião da Revolução de outubro de 1930, ao lado do general Tasso Fragoso e do almirante Izaias de Noronha, tomou parte na Junta Governativa Pacificadora, organizada nesta capital.

O venerando patricio exerceu varias funcções militares de destaque, tendo sido, durante algum tempo, presidente do Club Militar. Já no periodo do governo provisorio da Republica, foi interventor Federal no Estado do Rio de Janeiro, em substituição ao actual ministro do Supremo Tribunal Federal, dr. Plinio Casado, posto que deixou quando foi nomeado ministro do Supremo Tribunal Militar.

* * *

Os funeraes do general João de Deus Menna Barreto realizaram-se domingo ultimo, tendo o comparecimento das mais altas autoridades civis e militares da Republica e enorme acompanhamento de pessôas de todas as classes sociaes.

Esta pagina de FON-FON apresenta a mais recente photographia do eminente soldado, tirada no Studio Annunciato, e um flagrante do sahimento funebre da residencia da familia Menna Barreto, á rua São Francisco Xavier.

PORQUE OLGA SE MATOU

NOTICIA mais inesperada e mais absurda não poderia ter corrido pela cidade naquella manhã: Olga Trevas se suicidára.

Uns exclamavam:

— E' impossivel!

Outros:

— Brincadeira sem graça!

E protestaram todos: Inda hontem de noite eu vi ella no Casino sem perder um "fox" e com aquella mesma carazinha alegre de sempre...

— Pois fique sabendo que a esta hora está espichadinha... morta e bem morta. Vim da casa do coronel Trevas agora mesmo

— E viu mesmo Olga defunta?

— Si vi! Faz cortar o coração. Parece estar dormindo.

— Minha gente... Si você não me dissesse que viu... Uma moça tão cheia de vida e tão feliz!

— Pertinho de se casar. O enxoval quasi prompto. Uma belleza, por signal.

— Coitados dos paes!

— E o noivo?

— Esse se consola dessa. Homem...

— Eu sei?! Era doido por Olga. Lia-se no rosto.

A noticia avançava de casa em casa, provocando a principio incredulidade e espanto; depois commentarios semelhantes. Muitos haviam estado com a moça até de madrugada, no Casino, e affirmavam invariavelmente terem-n'a visto contente, animada, expansiva. Fôra mesmo das ultimas a sahir do baile.

— Zanga com o noivo não foi. Garanto.

Falava d. Salvina Passos, tia da morta e vizinha. Accrescentava:

— Eu vim com elles até na porta de casa. Olga de braço com Oscar, conversando, rindo-se, combinando um cinema para hoje. No caminho, choveu. Oscar obrigou a noiva a vestir o capóte delle, receando a friagem. E ao se despedirem deram muitas risadas. Zanga com elle, não foi. Sou capaz de jurar.

Ninguem podia, portanto, alcançar o motivo desse estranho suicidio. Olga cortar o pulso com uma gilette e morrer, sozinha, calada, esvaindo-se em sangue... Só um pesadello!

Oscar Silvestre, ao ser avisado da morte da noiva, correu para lá, desvairado. Parecia um demente. Fez coisas de creança. Sacudia a moça sem querer acreditál-a morta. O sangue coagulado pelo chão, a casa em reboliço, o pranto, os lamentos, nada o convencia.

Tinha na imaginação, como realidade, a sua Olga viva, risonha, amorosa, toda cheia de graça no Casino, no embalo da dança e dos castellos que faziam para a proxima existencia de casados.

E á tarde toda a cidade se moveu para acompanhar o corpo de Olga ao cemiterio, no seu ataúde branco, forrado de setim e acolchoado de cravos. O commercio fechára mais cêdo. As duas bandas de musica compareceram. As Filhas de Maria foram todo o caminho entoando um cantico que ainda punha maior tristeza naquella romaria.

Por que Olga se matára?

Ninguem soubéra, ninguem sabia, ninguem saberia...

DIAS depois, mandaram a Oscar, com alguns objectos de lembrança da noiva, a capa que elle lhe emprestára na noite do baile.

Mais do que tudo, aquelle agazalho lhe trazia a recordação indelevel da moça. Estava vendo-a no momento da despedida, á porta de casa, moldada pela gabardina. Trocaram ainda umas phrases. Justamente a promessa de vir no dia seguinte buscar a capa, como pretexto para se falarem.

E não a viu mais com aquelle olhar banhado de luz, de meiguice, de amor. Conservava entre as mãos a capa como si estivesse a acariciar o corpo que dias antes estivéra cingido pelo tecido côr de castanha.

Foi quando sentiu num dos bolços qualquer coisa estalando. Um papel. Que seria? Metteu a mão, tirou um enveloppe. Reconheceu-o. Uma carta recebida semanas antes e que ficára ali esquecida, em vez de ser rasgada, como tencionára fazêl-o.

Pallido, tremulo, angustiado, releu-lhe um trecho:

"Sei que você vae se casar ahi com uma moça bonita e rica. E eu, a quem prometteu a mesma coisa, ficarei no abandono e na pobreza, com as duas creanças que são tambem seus filhos? Por que faz isso commigo, Oscar? Será que o meu amor seja menor que o dessa outra?"

Mais abaixo, numa letra differente, este outro trecho:

"Faça o que prometteu a essa moça. Eu não quero servir de empate. Adeus. — *Olga*."

Como representantes officiaes da Apea (Associação Paulista de Esportes Athleticos), estiveram nesta capital os srs. drs. Dante Delmanto e Wladimir de Toledo Piza, Luiz de Oliveira Barros e Ennio Juvenal Alves, que vieram combinar com a novel Liga Carioca de Football as bases para os proximos campeonatos de profissionaes, aqui e em S. Paulo. O «cliché» acima focaliza um grupo tomado no Palace Hotel, pouco depois do desembarque da delegação sportiva paulista, cujos membros ahi apparecem acompanhados dos directores da Liga Carioca de Football.

"CONFERENCIA"

Acaba de sahir o segundo numero de «Conferencia», a revista literaria e de divulgação scientifica que se publica sob a direcção do dr. Augusto Linhares, o acatado scientista patricio, espirito renovador a quem tanto deve, entre nós como no estrangeiro, a medicina brasileira.

Cingido aos moldes que lhe traçou, logo no primeiro numero, a sua esclarecida direcção, o numero de fevereiro de "Conferencia" apparece cheio de uma collaboração farta e preciosa. Figuram em suas paginas, assignalando artigos sobre arte e literatura, nomes como os de Benjamin Lima, Flexa Ribeiro, Max Fleiuss e Lina Hirsh, e tudo concorre para fazer com que se leia a moderna revista do dr. Augusto Linhares com verdadeiro enlevo.

Flagrante da visita que os membros da delegação da Apea fizeram á séde do America Football Club, onde foram recebidos e homenageados pela directoria do campeão do Centenario.

NATUREZA — DE AMADO NERVO.

A natureza parece estar em paz, sim, porque não sabemos observá-la. Si a observassemos com os olhos do pensador, do sábio, veriamos que todas as catástrophes da Humanidade são uma insignificancia junto á catástrophe *permanente*, por assim dizer, do Universo inteiro.

Colhei um grão de areia. Ha nelle conflagrações espantosas. Os átomos, como systema solares diminutos, gyram em vertiginosa rapidez combinando suas curvas. Esses mesmos átomos se dissociam em um perenne cataclysma, movidos por uma energia mysteriosa, a energia intra-atómica, e acabam por dissipar-se no éther imponderavel. A dissociação de um grão de areia é lenta com relação ao que o homem dura... Mas ha corpos radioactivos, nos quaes essa dissociação é fantástica.

Todo o kosmos se move, se agita, se desloca, se transfórma, se dissolve com uma rapidez inconcebivel. A materia não passa de uma simples variedade da energia, e a energia não conhece o repouso. O que nós chamamos repouso, não é "mais que uma das fórmas do movimento."

A Liga Carioca de Football, entre outras homenagens que prestou aos membros da delegação sportiva de São Paulo, offereceu-lhes um banquete, na séde do Fluminense F. C., tomando parte no mesmo, além dos representantes da Apea, varias figuras de destaque nos nossos circulos sportivos. Esta pagina fixa dois aspectos do banquete, que se realizou na noite de sexta-feira penultima.

SABEDORIA

As mulheres que se preoccupam muito com o seu arranjo pessoal recordam-se pouco de sua virtude. — *Santo Agostinho.*

•

As mulheres recebem de bom grado as mentiras que as adulam, e bebem gotta a gotta a verdade que as amargura. — *Diderot.*

O Partido Economista acaba de installar no Realengo um posto de alistamento eleitoral. E' um aspecto da cerimonia inaugural desse posto o que representa o «cliché» ao lado, no qual se vêem, entre outros, o sr. Seraphim Vallandro e os jornalistas Heitor Beltrão e Franklin Palmeira.

Zolachio Diniz, cuja arte está posta a serviço dos grandes problemas sociaes, é um poeta que se destaca da generalidade dos demais pela preferencia dos seus themas. «Canto a este Brasil» é o seu primeiro poema. Nelle o poeta deixa transparecer o seu ardor e a sua pujança, no dominio da verdadeira brasilidade. Agora, porém, ampliando as suas idéas, se revela, «Em marcha!», um poeta filiado ás modernas correntes reformadoras da nossa sociedade. Mas, em qualquer desses livros, Zolachio Diniz se affirma como um espirito de idéas bellas e avançadas e um artista cheio de requintes amaveis.

SONETOS — De Sylvio Julio

I

POR MAIS QUE EU TE PEDISSE, NÃO QUIZESTE
OUVIR A VOZ DE MEU AMOR, QUERIDA;
AO PARTIRES, PARTISTE MINHA VIDA
E UM SONHO LUMINOSO ENNEGRECESTE.

A CHORAR, EU RECORDO A DESPEDIDA
HORRIVEL, CRUEL E AMARGA QUE ME DESTE:
O MUNDO PARA MIM TORNOU-SE AGRESTE
E A MORTE JA' AO REPOUSO ME CONVIDA.

ESTOU SO', E A TRISTEZA ENVOLVE TUDO.
AS FLORES QUE REGAVAS MORREM NA HASTE
SAUDOSAS, E TEU CANTO MEIGO E' MUDO.

A ALMA E A CASA A TRISTEZA ENVOLVE, FRIA:
ESTÁ VAZIA A CASA QUE DEIXASTE
E MINHA ALMA TAMBEM SINTO-A VAZIA.

II

ESTA PAZ, QUE E' RENUNCIA, VIVE APENAS
DE UM CANSAÇO PROFUNDO E SINGULAR
QUE FAZ COM QUE ADORMEÇAM MINHAS PENAS
E QUE MEU CORAÇÃO FIQUE A SONHAR.

AS VAGAS, QUE ERAM FORTES, JA' SERENAS
PARECEM NO AMPLO SEIO AZUL DO MAR;
SUCCEDEM AOS TUFÕES BRISAS AMENAS
E A AGUA TORNA SE PÕE A REBRILHAR.

ESTA PAZ, QUE E' RENUNCIA, TU CONDEMNAS:
A GUERRA CRUEL QUERES DESENCADEAR
ENTRE OS HORRORES DAS MAIS TRISTES SCENAS

MAS NÃO PONHAS O INFERNO SOBRE O ALTAR,
QUE, SI COM O TRAÇO DA DISCORDIA ACENAS,
PENAS E CORAÇÃO VAES DESPERTAR!

III

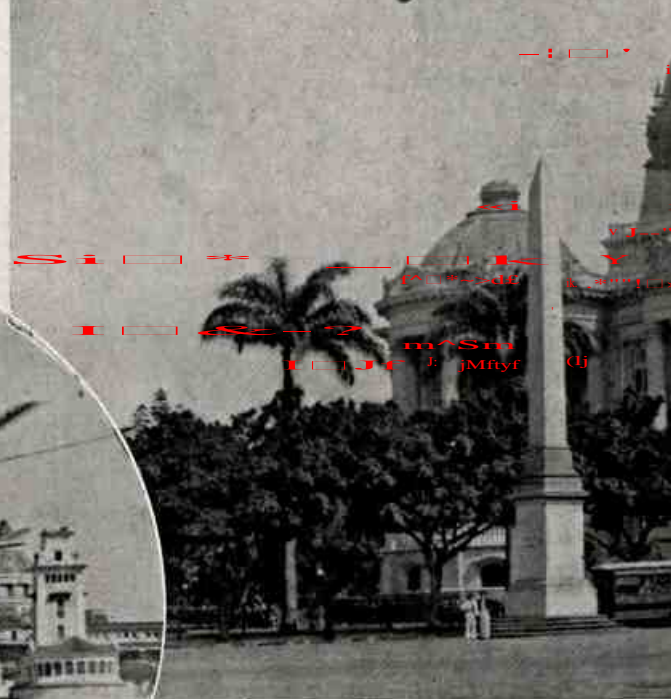
NÃO SE ESVAE NOSSO AMOR, NEM SE ANIQUILA:
A CALUMNIA TENTOU JA' DESFAZEL-O;
A INVEJA QUIZ O SONHO EM PESADELO
TORNAR; MAS ELLE, FIRME, NÃO VACILLA.

DE GRANITO O FEZ DEUS E NÃO DE ARGILA;
AO MESMO TEMPO CHAMMA E DURO GELO.
SI ALGUEM PENSA ALCANÇAR-LHE O DESMANTELO,
MAIS ELLE SE ALCANDORA E MAIS SCINTILLA.

SIM, QUERIDA, ESTE AMOR NENHUM ABALO
SOFFRERA' NUNCA, POIS TUDO QUE FALO
OUVES, E EU VIVO PARA OBEDECER-TE.

DEIXA QUE OS MÃOS PROCUREM DESCOMPOL-O,
QUE ELLE E' PARA NOS DOIS MEIGO CONSOLO
E EM NOSSOS CORAÇÕES CARICIAS VERTE.

MANHÃ DE AVIAÇÃO

A aviação civil brasileira prestou, na semana passada, expressiva homenagem ao interventor do Districto Federal, dr. Pedro Ernesto, dedicando-lhe o brilhante torneio aereo da penultima sexta-feira, em que sobresahiram as magnificas evoluções do já conhecido auto-gyro de propriedade do sr. Antonio Seabra. Esta pagina apresenta alguns flagrantes da linda manhã de aviação da ponta do Calabouço, onde brevemente será construido o aero-porto do Rio de Janeiro. Além do interventor Pedro Ernesto, assistiram ás evoluções do auto-gyro o capitão João Alberto, chefe de Policia do Districto Federal, e innumeros representantes, militares e civis, da aviação brasileira.

MULHERES...

As mulheres só pensam em suas "toilettes": passam a metade do dia preparando-se para perder a outra metade, e a ellas mesmas. — *P. Luis de la Ferté.*

*

As mulheres são vingativas e dissimuladas por causa de sua vaidade. — *Stahl.*

TELEPAÇÕES

O «japonez» que se perdeu no... Carnaval carioca...

MADAME perdeu de todo o juizo, entregando-se inteiramente ao terrivel vicio do *posinho branco*. Moça, formosa, tem todas as condições para conquistar a felicidade pelas proprias mãos, ajudando o marido a sentir a belleza do lar onde outras figuras vivem num ambiente harmonioso. Porem, *madame* enveredou por um caminho tenebroso, esquecendo deveres, olvidando as coisas bôas da vida, para illudir-se com a miragem de um supposto gozo que só existe na imaginação de creaturas doentias, dignas da piedade humana. Vae dahi, não se aperceber da torpeza dos seus gestos, como o que o outro dia observámos, quando, no ultimo banco de um bonde, na companhia de um individuo tarado, *madame* fazia uma das *prises* costumeiras.

Visivelmente excitada, com movimentos que denunciavam deploravel estado de decadencia physiologica, ella estava longe de suppôr que era observada pelos passageiros do bonde, penalizados deante do quadro de miseria humana.

E mais contristava os observadores aquelle individuo de physionomia imbecil, magro, côr de barro, de olheiras cavadas, que ao lado de *madame*, de quando em quando, levava o pollegar ao nariz, e com a parte dorsal da unha friccionava contra a pituitaria, na ansia de satisfazer ao seu vicio.

Madame ainda está em tempo de recuar, curando-se do mal, emquanto o marido não tem conhecimento dos tristes papeis que ella representa actualmente em publico.

ESTAVAM realmente muito expostos aos rigores dos raios solares, e muito mais ao commentario perverso dos banhistas do posto *chic*. *Madame* demora-

Um sorriso declarado e um projecto de sorriso... á beira mar...

va-se demasiado, deitada na areia fulva de Copacabana, esquecida no encanto da palestra com o rapaz que, apesar de casado, nunca apparece em parte alguma acompanhado da esposa.

Entretanto, elle, o outro dia, surgiu armado de um guarda-sol de praia, que está sendo utilizado com grande proveito para ambos.

O guarda-sol é sempre installado com todos os rigores da estrategia praiana... Baixo, muito baixo mesmo, quasi tocando o sólo. Quando *madame* chega, deitam-se os dois a fio comprido, de bruços, com as cabeças perfeitamente protegidas de tudo. Agora sim...

Manhãs deliciosas! O que se passa debaixo do guarda-sol, ninguem sabe...

Mas, um espirituoso frequentador do posto *chic* teve uma idéa genial, no sentido de prevenir alguma attitude menos séria do casal.

Dizia elle:

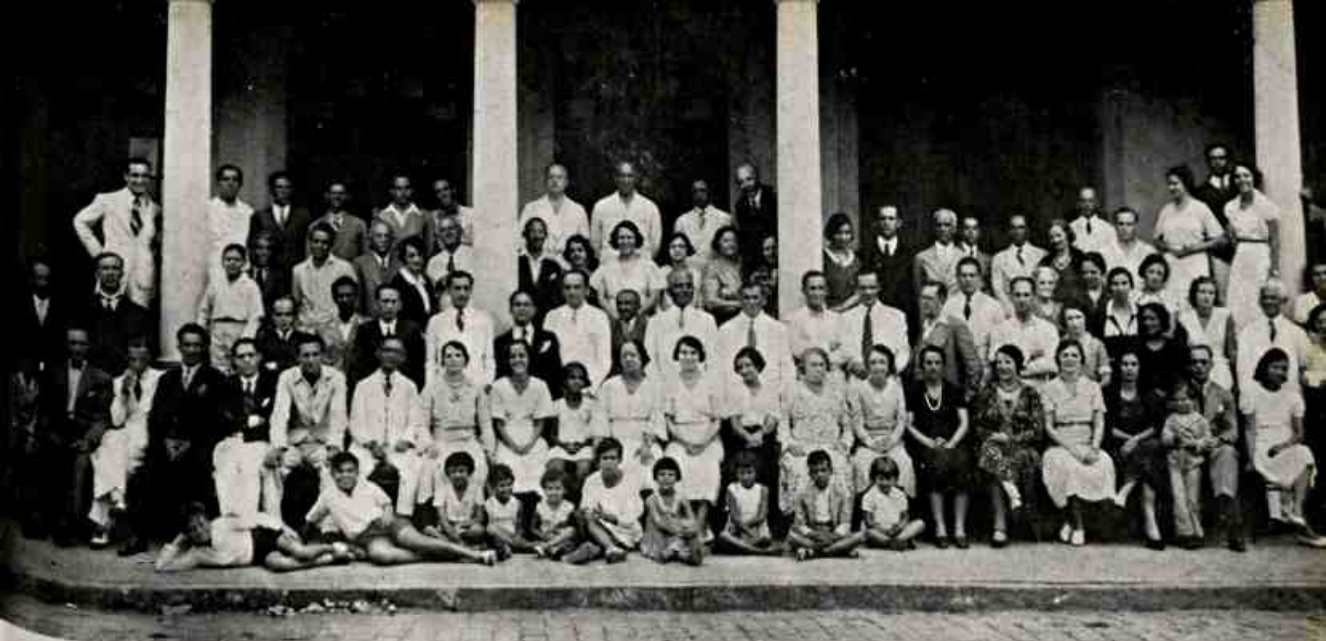
— Nesta cidade a policia de costumes faz muita falta.

— Para que?! — interrogou alguem do grupo.

— Ora, — rematou o espirituoso, — si eu fosse delegado de costumes, aprehendia aquelle guarda-sol...

Foi um successo de gargalhadas, pois a medida poderia produzir resultados salutares, sem trazer a inconveniencia de molestar o casal, fazendo-o comparecer á delegacia proxima. Bôa bola!...

«FON-FON» EM CURITYBA

O menino Hamilton Erichsen de Oliveira junto á herma de Emilio de Menezes, na linda capital paranaense.

Neste fim de verão, em que o inverno já se annuncia de longe, com o cartão de visita da temperatura a 20 e poucos, a linda cidade de Cambuquira tem recebido innumeros «aquaticos», para a sua mais elegante estação. O «cliché» acima apresenta um grupo de veranistas de março, hospedes do Hotel Silva, vendo-se entre elles as famílias do contra-almirante dr. Arthur Pires de Amorim, director da Saúde Naval; do sr. João Silva e dos coronéis Rogaciano e Pargas; a senhorita Idalina Tavora, filha do dr. Belisario Tavora, o dr. Belisario Tavora Filho, a dra. Anna Cavalcanti, a senhorita Affonso Penna, os drs. Timoco e Farolla, o sr. e sra. Marcus Voioch.

A' HORA CINZENTA DO CREPUSCULO...

E' a hora cinzenta do crepusculo, a hora triste das evocações. Meu pensamento vôa até a cidade onde nasceu o nosso amôr para trazer ao meu coração, novamente, a illusão que você matou para sempre num dia azul de primavera. Num dia azul como os nossos sonhos de felicidade, como aquelles sonhos impossíveis que alimentaram a encantadora mentira extincta do nosso grande affecto emotivo...

Só mesmo o meu pensamento, aquelle pobre sonhador que tudo fez para você, que teceu madrigaes e compôz versos de amôr, poderia, depois de tantos annos, trazêl-a, dentro daquella mesma belleza, moça e fascinante, para o encanto luminoso dos meus olhos e fazer-me palpitar de emoção ao relembrar, commovido, o contacto ardente dos nossos lábios e o fogo abrazador dos nossos abraços...

Depois de tantas horas de angustia interior e amargo desespero, meu pensamento chega, cansado, dessa longa caminhada áquellas plagas longínquas, trazendo-a, com suave carinho, para povoar a minha sollidão...

Você vem sorrindo, você traz nos lábios aquelle sorriso que foi a alvorada do nosso amôr e dos nossos soffrimentos; aquelle sorriso que foi o comeco de uma luta e o fim de um sacrificio; que foi o symbolo doirado de uma illusão, daquella grande illusão, que foi o berço de uma alegria fugaz e o tumulo de um soffrimento... E' a hora cinzenta do crepusculo, a hora triste das evocações. Você chega com o meu pensamento, que a foi buscar tão longe, esquecida de que existia uma creatura que a adora, que a deseja e que aguardava, ansioso, uma hora de silencio, como esta, para recordar aquella grande mentira sentimental, que foi o nosso melhor alimento espiritual. Recordemol-a, portanto, e tudo o que passou. Principiemos por revêr aquelle álbum — o Passado — em que escrevemos, em momentos felizes que se foram, tanta coisa linda, para os instantes torturo-

Um grupo de collegas e amigos do dr. René Laclette festejou, com um almoço, no ultimo sabbado, sua recente approvação no concurso para a livre docencia da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro.

A Sociedade Brasileira de Botanica promoveu, na séde da Sociedade Nacional de Agricultura, uma solennidade para commemorar o 9.º anniversario de sua fundação.

Iniciou-se sob os melhores auspicios a temporada cyclo-motocyclista do corrente anno. Domingo passado, no Campo de São Christovão, por iniciativa do Cycle Club, realizou-se a primeira corrida de motocycles, que alcançou brilhante successo.

sos que haviam de vir. Procuremos a velha pagina onde assignalei, naquelle dia azul de primavéra, a partida do seu vulto amado para longe dos meus olhos, matando assim a encantadora mentira do nosso immenso affécto emotivo. Está aqui. Achei-a! Achei, tambem, a photographia espiritual onde vejo, emocionado, o aperto de duas mãos... dois corpos unidos num demorado abraço... dois labios colladas num grande beijo de despedida... Depois — continuemos a folheal-o — algumas cartas, onde ha promessas de felicidade, de uma inacreditavel felicidade, dessa felicidade que se espera sempre e não chega nunca. Depois, a espera inutil e prolongada... os aborrecimentos... a distancia e, por fim, o esquecimento, o infallivel esquecimento de quando se está longe...

Tudo isso está enfeitado, com legendas de ouro, no algum da nossa vida para revermos na hora cinzenta do crepusculo, na hora triste das evocações de um dia como este, de um dia azul como aquelles sonhos impossiveis que alimentaram a mentira extincta do nosso grande affécto emotivo...

EDWALDO CALMON

Um grupo de veranistas em Petropolis: Candido Guaraciaba, Ilidio Queiroz, Maria Eugenia de Souza, Domingos Corrêa, Candido Guaraciaba Netto, Adelina Guaraciaba, Dora Guaraciaba e Gastão Guaraciaba.

FON-FON NO CINEMA

O prefeito de Roma impetrava de Nero o perdão.

O SIGNAL DA CRUZ

Uma super-producção de CECIL B. DE MILLE

Marcus... FREDRIC MARCH
Poppéa... CLAUDETTE COLBERT
Mercia... ELISSA LANDI
Nero... CHARLES LAUGHTON

ROMA arde.

Ameaçados de morte, privados dos seus lares, homens, mulheres, crianças da cidade augusta correm desatinadamente de um para outro lado, como ratos que um inimigo implacavel perseguisse.

Emquanto isso se passa, Nero, em seu palacio, diverte-se tocando e cantando...

Mais tarde, o incendiario de Roma arrepende-se do acto insensato que praticou, mas Tigellinus, que aspira ao seu favor, delle se acerca e lhe diz: "Foram esses cães de christãos que atearam o incendio, e ou os varrerei da cidade ou a vossa preciosa vida correrá perigo!"

Isso mesmo, — medita Nero. E' isso mesmo que se ha-de dizer ao povo! Foram os christãos que praticaram o crime. Será um novo motivo para perseguil-os, para acossal-os; e, assim, mais combustivel haverá para os archotes humanos que illuminarão o Coliseu, mais pasto de sublime belleza ganharão os leões, mais victimas faceis terão os gladiadores! Sim, isso mesmo! Persignam-se os christãos, esses fanaticos cantadores de psalmos!

Uma taberna baixa, numa viella dos bairros pobres de Roma. Em frente della passam dois homens que se observam, e logo retrocedem a encontrar-se, — Favius e Titus, este ha pouco chegado da Galiléa, onde esteve com o Divino Mestre e confabulou com Elle. Flavius traça na terra da rua um desenho symbolico, que é o signal secreto — o Signal da Cruz.

Fóra da taberna, Strabo e Servilius jogam dado. Strabo, que perdeu, atira os dados á rua, num impeto de colera. Por acaso, vae um dos dados cahir sobre o signal da cruz. Strabo apanha o dado e reconhece o mysterioso symbolo. Recorda-se dos dois homens que ha pouco passaram, e, logo em gritos, elle e o companheiro se precipitam pelas ruas, á caça dos christãos, afim de os capturar, para leval-os a Nero e receberem em paga trinta moedas de prata.

Ella animava a fé da pobre criança.

Mercia, a quem Favius tem protegido e instruido desde que lhe morreu o pae, ouve na rua a

Martyrizados pela sua fé.

atearda sinistra e vê que uma onda de homens em furia envolve um magote de christãos. Sem piedade, os espancam até que cáiam por terra, e já lhes amarram as mãos para os levarem, quando uma fanfarra de trombetas annuncia a chegada de um personagem de grande relevo nos conselhos e sequito de Nero, — Marcus Superbus o prefeito de Roma.

E á sua chegada, o populacho recúa, tomado de medo, pois sabe que ninguem ha mais cruel do que Marcus quando elle quer.

Os soldados da guarda fazem a multidão dispersar e Marcus, ansioso sempre de uma nova conquista, penetra no grupo dos contendores, e observa a linda rapariga que o incidente alli levou.

— Que foi que aconteceu?, — pergunta.

Respondem os populares:

— E' essa escoria, esses ratos nojentos, esses christãos! O que elles merecem é que os chicoteiem, os arrastem á presença de Nero e os crucifiquem!

Marcus volta-se, então para a donzella, que singelamente lhe diz:

— Esses homens nenhum mal fizeram. São bons e innocentes de culpa. Supplico-vos que os deixeis em liberdade!

E Marcus, que muito

Poppéa queria salvar o homem que amava.

mais faria por Mercia, sem difficuldade attende ao seu pedido.

O incidente não passou, porém, despercebido a outras pessôas, á parte as directamente envolvidas no caso.

De um balcão do palacio de Nero, situado do lado opposto da rua, Dacia, a maior faladora, a maior intrigante dos circulos da côrte, viu Marcus e Mercia, juntos. E ella sabe que delicioso pratinho de escandalo isso lhe permittirá servir a Poppéa a esposa de Nero, mais que disposta, ansiosa, por se tornar amante do prefeito. —

Poppéa é uma mulher

A caminho da morte.

(Cont. na pag. seguinte)

Casamento original era aquelle.

MARIDO, APENAS

(KEPT HUSBANDS)

Um film R. K. O. Radio Pictures

Dot . . .	DOROTHY MACKAILL
Dick . . .	JOEL MC CREA
Parker . .	ROBERT MC WADE
Sra. Parker. .	FLORENCE ROBERTS

COMMENTAVA-SE na residencia dos Parker, gente da alta sociedade e de muito dinheiro, a façanha de um operario de mina que, num rasgo de heroismo, salvára tres companheiros das chammas. Caso banal e muitas vezes repetido pelas gazetas. Mr. Parker havia convidado o herõe para o jantar daquella noite e as senhoras — mãe e filha — desde já manifestavam o seu desagrado em ter como conviva, em sua mesa rica, um operario naturalmente de *Over-all* e marmita.

Dot, a filha do casal Parker, exigente como uma princeza, é que se mostrava mais desapontada, embora curiosa pelo primeiro contacto com o trabalhador das forjas. A hora do jantar chega, afinal, e com ella a pessôa do convidado de honra. Moço e forte, Dick foi uma bella apparição na sala bem illuminada. Os seus modos distinctos denotavam qualquer coisa além das qualidades de um operario endurecido pelo labor exhaustivo. Dot descobriu, durante o jantar, a razão de tudo isto. E' que o rapaz era o famoso *half-back* americano, festejado nos meios sportivos, apesar de sua modestia. O resultado de tudo isto é ter a moça se apaixonado pelo operario e ao fim de poucos dias declarou ao pae que o queria como esposo. As condições financeiras de Dick, que morava em companhia de sua mãe e do amigo Hughie, não lhe permittiam semelhante absurdo, mas o que não póde uma mulher voluntariosa, com um pae rico e cégo pela vontade de sua filha unica? Dick tem que se adaptar ás especialissimas condições de protegido, embora seu amôr proprio se revolte, e segue a influencia embaladora do momento enthusiastico. Em pouco se casam e seguem em viagem de nupcias para a Europa, garantidos pelos cheques do velho Parker. Depois de muito viajarem pelas cidades mais bellas do Velho Mundo, Dick achou que já era tempo de regressar e, sobretudo, de trabalhar.

Por diversas vezes fizéra sentir a Dot a necessidade de voltarem, dando um paradeiro a tantas despezas, mas a moça o seduzia para outros passeios e encantos até que regressaram á America. Encontraram uma casa moderna á sua espera, com o conforto

Apaixonára-se pelo operario.

O pae fazia-lhe todas as vontades.

completo: presente do velho. Trabalho? Nada disto. Dick tinha que acompanhar a esposa aos chás elegantes, ás conferencias, ás festas, emfim, ao mundo de coisas que compõem a vida chic. Mas o rapaz não supportou.

Tinha que ir ao interior, para fazer um importante contracto, e a moça se oppoz. Divergiram fortemnete. Elle vae para a casa da velha mãe e esta o aconselha a procurar a esposa e reconciliar-se.

Dot havia sahido para o appartamento de um velho amigo, Bates, que o faz tomar todas as especies de bebidas, pretendendo abusar de sua confiança. Quando regressa á casa, Dot encontra o marido á sua espera.

Outra rusga. Dick diz as ultimas e resolve ir sozinho para o interior. Foi então que a razão chegou á mente de Dot. Quando Dick penetrou em sua cabine, lá encontrou uma Dot completamente arrependida e amiga: a esposa que um homem do trabalho precisa na vida...

Os modos rudes do operario venceram a sua fantasia.

O SIGNAL DA CRUZ

(Continuação)

vaidosa e egoista, a mais cruel das mulheres de Roma, onde domina pelo esplendor da sua carne, pela sua habilidade de intrigar. Poppéa está no seu banho, um banho de leite de burra, perfumado pelas petalas maceradas de milhares de flores, e acompanham-n'a as lindas cortezãs da côrte depravada de Nero.

Pressurosa, Dacia corre junto della e conta-lhe a scena romantica de que foi testemunha: Marcus curvando-se á lama das ruas, a uma rapariga christã das mais infimas para affrontar Poppéa, a nobre, a magnifica!...

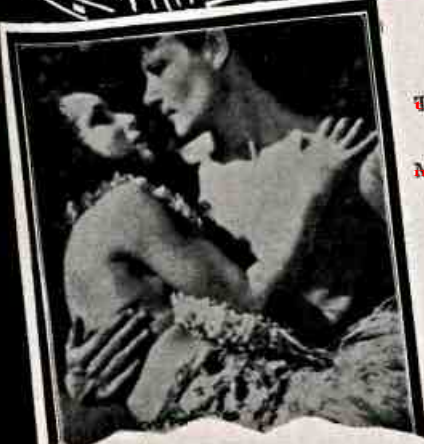
Outra pessôa teve tambem noticia do incidente. Foi Tigellinus, que aspira ao favor de Nero e inveja a Marcus, pela situação e influencia que elle tem. Não tarda que semeie no coração do imperador a desconfiança contra esse prefeito que jurou proteger-lhe a vida, e a põe em perigo, deixando soltos dois perigosos christãos, inimigos do soberano!...

Baixa o sol sobre o horizonte, e, em casa de Favius, Titus assenta com o fiel companheiro os preparativos da reunião que os christãos farão nessa noite na Porta Céstia, reunião estrictamente secreta e que, viesse a soldadesca a descobril-a, implicaria na morte de innumeros partidarios da bôa causa.

Mercia prepara a refeição da tarde. Stephanus, um rapazito, acaba de ser enviado ás habi-

(Cont. nas pags. 48 e 49)

Doce constrangimento.

DA BROADWAY de NEW-YORK para o "BROADWAY" do RIO!
A "EMPREZA PONCE & IRMÃO" apresenta ao publico e aos exhibidores os 5 primeiros films do
"BROADWAY PROGRAMMA"
Films lançados em RADIO CITY — nos maiores cinemas do mundo e que serão apresentados no Rio pouco depois de sua estréa em New York!
RKO Radio PICTURES
RADIO CITY
NUNCA TINHA SIDO BEIJADA! MAS, QUANDO O FOI, DEU A PROPRIA VIDA PELA SENSAÇÃO DE OUTRO BEIJO!
DOLORES DEL RIO
JOEL Mc CREA
em
"ave do paraiso"
DIRECÇÃO de
KING VIDOR
A ESQUADRILHA PERDIDA (The Lost Squadron)
com RICHARD DIX
MARY ASTOR
JOEL McCREA
ROBT. ARMSTRONG
HUGH HERBERT
ERICH VON STROHEIM
Lily DAMITA
"Mme. Julie de Paris"
(WOMAN BETWEEN)
PHANTASTICO! EMOCIONANTE!
A 8.ª MARAVILHA DO MUNDO!
KING KONG
A FORMIDAVEL NOVELLA DE EDGAR WALLACE
JOHN BARRYMORE
em O PROMOTOR PUBLICO
(STATE'S ATTORNEY)
com
HELEN TWELVETREES
JILL ESMOND WILLIAM (Stage) BOYD
MARY DUNCAN
e Raul ROULIEN

ROCHA POMBO

A eleição para a vaga de Alberto de Faria, que na Academia de Letras occupou a cadeira que tem por patrono Varnhagen, constituiu um caso de solução difficil, mas teve desfecho logico. No primeiro pleito, em 7 de abril de 1932, cinco eram os candidatos, porém, nenhum delles conseguiu eleger-se.

No segundo, realizado a 10 de novembro do mesmo anno, entre os cinco candidatos figurava um ministro de Estado, que contava com o voto certo de alguns academicos.

Entretanto, na hora solenne o ministro-poeta foi derrotado!

Veiu o terceiro pleito e delle sahiu victorioso, por esmagadora maioria, uma das figuras mais respeitaveis das nossas letras, Rocha Pombo.

Desta vez, pelo menos, a Academia foi coherente, fazendo sentar na cadeira de Varnhagen o autor de uma obra monumental, através da qual a nossa historia é estudada com a mais absoluta segurança, com a belleza e maestria de artista.

Ennobrecido pelo trabalho constante e honesto, Rocha Pombo é, sem duvida, um valor expressivo das letras brasileiras, que vae apenas honrar, com a sua presença, a Academia.

André Bruyere — LARANGEIRAS EM FLÔR — Flores & Mano, edts. — Rio — 4$

BANDEIRA DUARTE traduziu *La route de l'Empereur*, para a *Collecção Primavera*, destinada á leitura feminina. Trata-se de obra conhecida pela simplicidade do enredo, apesar do que não deixa de interessar.

C. E. Andrews — OS INNOCENTES DE PARIS — Civilização Brasileira Editora — Rio — 4$

A novella de Andrews, incluida na *Collecção do Livro-Film*, certamente despertará a curiosidade do publico que tem bem viva a impressão do successo de Maurice Chevalier na téla, ao interpretál-a. A apresentação material do volume é primorosa.

Cornelio Pires — CHORANDO E RINDO... — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 6$

CORNELIO PIRES só tem uma preoccupação na vida: fazer rir o proximo. E' uma agradavel missão que elle exerce gravando discos, fazendo conferencias e publicando livros, explorando de preferencia a anecdota genero caipira. Este volume tem uma particularidade: tambem faz chorar... Como?! E' melhor procurar a explicação com o proprio autor:

"Este não é um livro de historias, nem de estudo, nem de literatura: é um livro de registo dos mais variados episodios da Guerra Paulista, em que póde haver muita coisa da imaginação popular entremeiada de episodios verdadeiros, ora observados por mim, ora observados por pessôas de confiança, que os registaram e com elles contribuiram para a feitura deste livro. Em *Chorando e rindo...* ha collaboração de muita gente, sendo que, em muitos casos, publico integralmente as collaborações para que não percam o feitio, o sabor, a côr local.

"Taes, tantos e tão empolgantes foram os actos de dedicação e desprendimento registados entre todas as classes, que, em livro como este, se torna impossivel o registo; apenas aqui e alli estamparei um ou outro caso que possa servir de amostra de tudo que se fez."

Fica-se sabendo a intenção do autor. O resto está no volume que ora faz rir, ora chorar...

W. Meyer-Forster — O PRINCIPE ESTUDANTE — Civilização Brasileira Editora — Rio — 4$

RAMON NOVARRO foi o grande interprete, na téla, desta deliciosa novella, que ora apparece entre os volumes da *Collecção do Livro-Film*. A leitura interessa, pois, a traducção foi feita com o maior cuidado.

André Maurois — A VIDA DE DISRAELI — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 7$

E' o grande livro de Maurois, que tanto successo despertou ao ser publicado em França. A traducção de Godofredo Rangel é primorosa.

Loteria Federal do Brasil
nadando em ouro
8 de Abril 1933
Primeira Extracção de
1.000:000$000

MULHERES...

O dr. Max, funccionario de categoria elevada de certa repartição, era viuvo, já meio idoso. Em sua cabeça os fios brancos realçavam na belleza invejavel da sua basta cabelleira. Um *gentleman*, que revelava delicadeza, educação esmerada e aprimorada. Parecia possuir uma alma de mulher, mas de mulher docil, dessas que sabem attrahir, para si, a attenção dos homens cujos corações desejam possuir. Pela sua cultura intellectual, mostrava ser um homem como bem poucos o são nos tempos que correm.

Numa tarde fria, eu tomava meu matte com torradas de Petropolis, quando alguem me bateu levemente no hombro, interrompendo, assim, a deliciosa recordação carnavalesca que me despertava os accordes alegres da "Jujú" que a orchestra executava.

— Mario!

— Max! Meu caro, onde tens andado?

— Em Therezopolis. Max. Que me contas de novo?

— De novo, propriamente, nada. Ah! sim. Uma novidade triste.

— Triste?

— Sim. Lembras-te de Martha?

— Martha Rezende? Aquella senhora joven que me apresentaste recentemente?

— Justamente.

— E que lhe aconteceu, então?

— Ha tres dias, foi victima de uma operação. Enterrou-se hontem.

— Pobre Martha!... Tão bonita...

— Como lamentei sua morte! Que mãe exemplar que era! Que funccionaria optima! Foi, por muito tempo, minha subordinada. Fui seu chefe. Que sagacidade! Que descortino! Que operosidade! Em dez annos de casa, tres justas promoções por merecimento, coisa que nós outros gastamos quinze ou vinte.

— Tambem era uma mulher "comme il faut"...

— Mas seria, Max. Seria até alli. Nunca permittiu que alguem, na repartição ou na rua, lhe dirigisse galanteios. Era a personificação da honestidade.

* * *

Juntos deixámos o café e fomos a uma pensão, na avenida Gomes Freire. Uma pensão de mulheres chics, ou melhor, um *rendez-vous* elegante. A proprietaria, uma senhora gorda, morena, filha do Piauhy, mediquei certa noite no Ceará, onde um rapaz lhe retalhou o rosto a rebenque. Pela facto de havêl-a curado gratuitamente, ou mesmo por sympathia, dispensava-me sempre muita attenção. Nessa tarde, recebeu-me com mais alegria que das outras vezes. Apresentei-lhe Max e sentámo-nos á espera das abelhas que, de momento a momento chegavam e, logo depois sahiam buscando na rua as flores para o fabrico do mel.

— Quaes as novidades, d. Emilia?

— Tenho uma mineira de olhos verdes, que é daqui...

E, juntando o gesto á phrase, segurou na extremidade inferior da orelha esquerda, gesto muito trivial nos cariocas quando querem dar cunho de superioridade ás coisas que lhe agradam.

— Está em casa?

— Sahiu. Mas não deve tardar.

— E onde é o seu aposento?

— Ali. No quarto da Rosita.

— De quem?

— Da Rosita. Aquella... a Martha Rezende...

* * *

Os olhos de Max, castanhos, surpresos abriram-se. Martha Rezende frequentava aquella casa.... Martha, que se lhe afigurava a personificação da honestidade...

MARIO TREVO

O SIGNAL DA CRUZ

(Continuação)

tações da redondeza para que avise os moradores da reunião dessa noite, e lhes peça que convidem para ella outros fieis á causa christã. Mas Stephanus, trahido e capturado, é levado á presença de Tigellinus.

Mais tarde, attrahido pelas bellezas e graças de Mercia, Marcus vae em visita á casa da joven romana. A sua presença desperta um receio natural em todos os que alli estão. Mas dessas prevenções facilmente os dissuade Marcus, reiterando-lhe a innocencia dos seus propositos e aconselhando-os que ajam cautelosamente. Tranquillizados, os moradores não lhe escondem as suas apprehensões pela demora de Stephanus, que já devia ter voltado. E Marcus, suspeitando de alguma perfidia de Tigellinus, parte immediatamente.

No subterraneo da prisão, Tigellinus procura arrancar a Stephanus o segredo da missão que lhe foi confiada. O rapazinho permanece calado. Espancam-n'o brutalmente sem que consigam descerrar-lhe os labios. Malmente, inflingem-lhe crueis queimaduras, e a criança, não resistindo ao supplicio, deixa escapar o seu segredo.

Sabedor do logar onde se fará a reunião, Tigellinus depressa reune os homens da sua escolta, e com elles desapparece na treva da noite.

Marcus entra e logo percebe que chegou tarde. A criança recúa, tomada de terror, mas o recem-chegado o interroga com brandura, e o menino lhe conta de que modo o levaram a trahir o seu segredo. Marcus pondera as revelações do menino e logo reflecte que terá que agir sem demora si quizer salvar Mercia dos seus inimigos.

Na sua quadriga, á frente da sua escolta, Marcus parte em disparada, atravessando as ruas de Roma, resolvido a salvar a rapariga cuja imgem, por uma secreta força, não se aparte da sua memoria. Espumantes, os cavallos fazem volta em tropel vertiginoso num dos angulos do palacio de Nero. Tarde demais, avista Marcus a liteira de ouro de Poppéa, sem que possa soffrear o impeto em que vão os animaes, e sobre a liteira fragil a quadriga se precipita, atirando-a de roldão. Houvesse o incidente occorrido um momento depois, e Poppéa, que agora desce as escadas de marmore, teria sido uma das victimas. Dos seus labios não sáe, porem, uma palavra de censura. São antes palavras de amor que ella articula.

— Marcus, impetuoso namorado! Porventura precisas correr tanto assim, para vires a meus braços!

Bem sabe a astuciosa dama aonde Marcus se dirige, mas procura detêl-o e o consegue até o momento em que, vencido de ansiosa apprehensão, o mancebo se separa violentamente da tentadora e dispara a galope. Desgraçado namorado!

Lenta mas seguramente, tal uma cobra que avança sobre a desejada presa, Tigellinus e os seus soldados esgueiram-se pelas florestas em demanda da Porta Céstia, onde os christãos se reunem. Longe, bem longe, Marcus e os seus galopam, varando a treva.

Expira tranquillamente um hymno de adora-

(Cont. na pag. seguinte)

ção, e sôa uma voz repassada de bondade:

— Eu venho de junto d'Aquelle que morreu por todos vós, e é a sua mensagem que vos trago!

Rasga o ar um silvo agudo e uma flecha trespassa o coração de Titus. Após essa, outra flecha, milhares dellas, despedidas dentre as arvores da selva, abatem os christãos, indefesos contra o invisivel inimigo. Os gritos das victimas lançam uma nota tetrica no silencio da noite. E, então, destaca-se entre as victimas a figura de um gigante. Mãos vigorosas se apossam de Mercia, de novo prisioneira.

Ouve-se um tropel pesado de cavallaria, o clangor de armaduras o retinir de espadas, um rodar de carros lançados em frenesi. E' Marcus e a sua guarda que chegam, mas tarde demais.

Marcus observa a scena e bem sabe que desta vez não poderá libertar Mercia. Como os demais christãos, ella terá que ser levada á prisão. Entretanto, em seu coração uma esperança elle nutre ainda: a de poder de tal modo convencer Nero da sua fidelidade e do seu anseio irreprimivel pelo amor da donzella romana que o coração do imperador se deixe enternecer e elle consinta que Mercia seja livre.

Não esqueceu, porém, Poppéa o aggravo de Marcus na noite da vespera, e bem sabe ella que só o poderá conquistar mandando que a joven christã tenha morte na arena do Colyseu. Por outro lado, sente Tigellinus que elle só conseguirá vingar-se e obter o alto cargo de prefeito, induzindo Nero a acreditar que Marcus é um trahidor.

Antes que se encontrasse com Mercia, planejará Marcus um grande banquete, uma festa real que offerecerá á côrte de Nero, cujos aulicos tinham em alto apreço as noites que passavam na residencia do prefeito, o seu gosto em materia de belleza feminina, a escolha dos seus vinhos raros, as opulencias da sua mesa, o esplendor dos mil e um divertimentos que realçavam as suas festas...

Tarde da noite, atroavam os ares as risadas, os gritos avinhados dos foliões em orgia. Mas, de repente, outro rumor se lhe uniu — o hymno dos christãos, dos prisioneiros recolhidos nos subterraneos.

O canto sacro vara as janellas palacianas, ferindo de terror as almas dos convivas sequiosos de mais vinho e carne moça. Em Marcus esse canto produz um travor de tristeza e de remorso, ao mesmo tempo que aviva o seu desejo da donzella idolatrada, Mercia, a quem elle levou para o seu palacio.

Mercia é conduzida ao aposento de Marcus — um lirio immaculado, sahido do interior de uma gehenna infecta. A sua belleza deslumbra Marcus, a sua pureza fascina-o, mas debalde elle lhe supplica que cêda aos seus desejos. Ella que o ame, e elle lhe dará, com a salvação, uma vida de opulencia e de honras.

— Todas as honras menos uma, commenta a donzella, com ironia.

Marcus procura, então, dobral-a pela força á sua vontade, mas a rapariga lhe foge. Sôa uma risada e Ancaria está á por-

ta. Voltando-se, ella interpella a multidão:

— Venham ver, venham ver esta donzella de Marcus, que nem um beijo lhe consente!

A multidão invade o aposento, e Marcus se conserva de parte. Talvez que o espectaculo do luxo daquellas mulheres transmude o sentir de Mercia, a quem Ancaria lança agora um desafio.

Porventura a tua belleza é superior á minha? E sabes dançar, Mercia como eu danço?

Ancaria baila na presença de todos, mas nem assim demove a christã da sua reserva, o que accende a cólera da outra, que a esbofeteia. Marcus resente-se do insulto feito á donzella indefesa, e afasta de junto de si os que a apódam. Mas esse gesto tão pouco desperta nenhuma reacção em Mercia, salvo a que se traduz na sua supplica:

— Restitua-me á prisão onde estava, imploro-lhe!

Marcus sente, porém, que ama essa rapariga com um amôr como jamais houve outro em seu coração, e que o que ella lhe supplica, elle não o poderá consentir.

O hymno, modulado pelos christãos condemnados a morrer, eleva-se na placidez da noite.

A côrte imperial está reunida. Nero occupa o seu magnifico throno e ao seu lado está Poppéa. O imperador sentenciou os christãos á morte. Elles morrerão para que a sua morte sirva de motivo a uma festa romana, um carnaval de sangue, offerecido ao povo da cidade.

Sôa um trombeta, que annuncia a chegada de Marcus, e logo, vestindo a sua armadura de ouro, apparece o prefeito de Roma, que vem pleitear junto a Nero o perdão da donzella que o venceu pelo amor. A paixão põe nas suas palavras uma calorosa vibração, e, ao mesmo tempo que repete ao soberano o seu pedido, recorda-lhe Marcus com que fidelidade o tem servido, capaz de sacrificar-se, de morrer por elle, a um só dos seus gestos. Mas Nero, disfarçadamente, põe os olhos em Poppéa, que meneia a cabeça, num gesto negativo. Marcus repete as suas supplicas, mas, em resposta, Nero apenas alvitra que a donzella abjure da sua fé para que em troca seja livre...

Na prisão, os christãos se preparam para morrer. Nas ruas, ha um clamor perpetuo de alegria e de festa. Contente, a multidão pagã, sentindo já nas narinas o cheiro do sangue que lhe foi promettido, enche todas as dependencias do circo, palpitando de uma jovialidade transbordante.

Circulam entre as bancadas vendilhões apregoando bolos, perfumes, brinquedos para as crianças. E, por toda a parte, o populacho, prelibando a festa proxima, explode de alegria em graçolas e risadas. Um grande, um grande dia para Nero, para Roma, para todo o povo da cidade: haverá combate de anões com amazonas, de crocodilos com tigres; as bigas circularão a arena em porfias desenfreadas; centuriões e reciários porão a sua habilidade á prova em combates singulares; a raiva dos elephantes em luta atroará os ares da arena immensa, e, finalmente, para remate condigno de tão luzido programma, cem christãos serão submettidos á morte por processos tão divertidos quanto ineditos. Alguns serão queimados em azeite, outros serão dados por adversarios a gladiadores ferozes; lindas donzellas, cujos corpos nús scintillarão o sol, serão dadas em pasto aos leopardos; e para final, o melhor de tudo, — os ferozes leões da Nubia, cevando-se da carne humana, homens, mulheres, crianças christãs, atiradas como martyres ás féras famintas. Será esse o momento culminante do espectaculo, que ficará para sempre gravado na memoria de todos os que alli estão abrazados de enthusiasmo e de alegria...

Na sombria masmorra em que mal respiram, os christãos elevam o pensamento ao seu Deus. Uma criança balbucia palavras que mais parecem gemidos. Um velho repete uma oração que os seus labios se habituaram a dizer desde os primeiros dias. Alguns homens e mulheres cantam para avivar a sua coragem. Mercia passa entre uns e outros, fortalecendo-os, encorajando-os com as palavras do Mestre Divino. Acovardado pelo medo, Stephanus busca fugir aos guardas que o vêm buscar para o levar á morte. Mercia colhe-o amorosamente nos seus braços aconchega-o ao coração e diz-lhe: "Si me queres bem, vae sem medo meu amôr, pois em breve eu estarei tambem junto de ti!"

E, transmudado, com um sorriso, o rapazinho parte destemido ao encontro da morte, uma criança prompta a affrontar milhares e milhares de pagãos sanguisedentos.

A grande porta do subterraneo escancara-se aberta pelos centuriões á chegada de Marcus, que veiu, por fim, reunir-se á mulher que o ama e a quem elle ama. Mercia volve para elle os olhos banhados de tristeza, e Marcus lhe supplica: "Nero prometteu poupar-te a vida. Renuncia ao teu Deus, crê nos deus de Nero, e serás salva!"

Mercia responde-lhe com um sorriso que se nutre de toda a desolação da sua alma. Um raio de luz penetra na masmorra e envolve-a

(Cont. na pag. seguinte)

num halo de ouro o semblante da donzella. Vencido por um poder estranho, Marcus ajoelha aos seus pés. Não comprehende a sua fé mas elle, Marcus Superbus, prefeito de Roma, valido predilecto de Nero, sabe que não poderá viver separado dessa donzella e que a tem que acompanhar, mesmo na morte.

— Eu irei comtigo, — diz Marcus. Tu me ensinarás os teus hymnos, a tua fé, e um dia há-de vir em que eu comprehenderei!

De mãos dadas, os dois jovens sobem a escadaria que os separa das portas da arena, — e elle, o pagão romano, ella, a donzella christã, unidos por um laço de amor e de fé que nem a bestialidade de Nero, nem as garras das féras, sequiosas de sangue, que os esperam, conseguirão destruir...

Caixa de surprezas

UMA ESTRELLA... EMBUSTEIRA. — A estrella polar é uma especie de embuste. Não é a verdadeira estrella polar, ou seja a mais proxima do polo celeste, ponto do céo que está precisamente sobre o polo norte da Terra.

Tambem não é uma estrella fixa, apesar de sua posição, que se suppõe fixa no céo e que deu logar á expressão "tão constante como a estrella polar". Esta estrella move-se no espaço e se afasta do nosso systema solar numa velocidade de 25.600 metros por segundo.

Em seu favor, pode-se dizer que se aproxima do polo e que continuará delle aproximando-se até o anno 2095. Então, começará a retroceder e outras estrellas visiveis occuparão o seu logar, como a estrella pela qual se guiaram os navegantes para encontrar o polo norte.

As observações indicam que mais de cem estrellas contam com maiores direitos para chamarem-se estrellas polares, que a que actualmente é tida como tal. Não são, porem, visiveis a olho nú.

O "peixe de abril"

NÃO vamos citar aqui os famosos "peixes de abril" que passaram á historia e que chegaram até nós. Para recordar os mais phenomenaes seria preciso um volume inteiro e não uma curta noticia de revista. Reis, cortezãos, politicos importantes soffreram esses logros. A's vezes, porém, essas pilherias acabaram em tragedia. Conta-se de um estudante que, recebendo a noticia falsa da morte de sua mãe, morreu em poucas horas, victima de um aneurisma. Ha muitos annos, um pintor pilherico quiz pregar um logro de 1.º de abril, ás autoridades e á sua noiva, com quem, no dia 31 de março, tinha tido uma discussão muito séria. Passou a noite fazendo um boneco de rara semelhança comsigo mesmo. Obtendo a sua quasi identidade, vestiu o sapia com os seus fatos e depois, antes de amanhecer o dia, foi depositál-o no quintal, numa attitude que a todos devia parecer que elle se tinha lançado da janella abaixo. Os primeiros que avistaram o "cadaver" correram a avisar o delegado. Foi um vaevem da vizinhança a manhã inteira. Ninguem ousava tocar no cadaver, todos lamentavam o desgraçado pintor que tão tragico fim tinha escolhido. Muitos opinaram que elle era um typo que devia acabar assim. Chegou a noiva, quasi louca de dôr. E junto do cadaver, coberto com um lençol por ordem de dois guardas, poz-se a pedir, chorosa, perdão por suas culpas e accusar-se de ser a causa do suicidio. Finalmente, chegou o delegado, que, mandando descobrir o cadaver, antes de lhe observar a face, pesquizou os bolsos de seu paletó, tirando de um delles um bilhete. Abrindo o enveloppe, elle leu no cartãosinho a simples data de 1.º de abril.

Em Genova, não ha muitos annos, morreu, na casa de um commissario da policia, um papagaio atacado de uma doença que o pobre animal passou a todos os membros da familia que o seguiram ao tumulo. Muitos commentarios se fizeram acerca da desgraça, lamentando-se as pobres victimas do contagio. Grande foi o alarme entre as familias que possuiam essa ave do Brasil. A 31 de março de tarde, em muitos pontos da cidade nas paredes das casas publica-se um annuncio, no qual os possuidores de papagaios eram convidados a "levarem ao Posto de Hygiene, ás dez horas da manhã seguinte, afim de se vaccinarem contra a possibilidade do contagio".

Ao mesmo tempo, o autor da pilheria avisava o director do Posto de que muitos cidadãos lhe iam levar papagaios doentes para que elle os matasse.

Não é certamente necessario contar o grande exito que teve a brincadeira.

AVENTURAS DE UM D. JUAN

(FACTOS DA VIDA MODERNA)

ENCONTRÁL-O assim risonho e satisfeito era o mesmo que se dizer: mais uma conquista do Tonico. Além disso, naquella tarde, o homenzinho estava sahindo dos seus tradicionaes habitos de parcimonia: já nos pagára a passagem num bond de duzentos reis (eramos cinco!) e, logo a seguir, medindo na altura a significação do gesto, me convidou para tomar um café.

Era demais! A sua renomada *promptidão*, contrastando com a liberalidade assim demonstrada em dois lances successivos, nos deixava verdadeiramente apalermaados.

O homem sorria, cantarolava com alegria o "toreador", da Carmen, batia com enthusiasmo o bico da grossa bengala de bambú contra o cimento da calçada, seguido por nós, que, immobilizados pela surpreza, inquiriamos, silenciosamente, a causa daquillo tudo. Afinal, um do grupo resolveu falar:

— Então, Tonico... que ha de novo?

— Que ha? Vocês ainda não sabem?

— Se fosses casado, diriamos que voltavas do enterro de tua sogra...

— Aposto como é uma conquista...

— Acertou!

Nisso o garçon se approxima e o Tonico, cada vez mais liberal:

— Vocês não preferem media? Eu quero pequeno e com muito leite... Estou muito nervoso...

— Não nos surprehendas mais, Tonico! Conta-nos logo a causa dessa tua desusada satisfação...

O filho. — Sinto muito, papae, mas, nesse ponto, não estou de accordo com o senhor. Por emquanto, não tenho intenção alguma de começar a trabalhar. E, já que está de pé, tem algum inconveniente em despejar este cinzeiro alli na chaminé?

— Pois bem... Imaginem vocês que a Flora, (aquella pequena boa que arranjei na leiteria do Campo Bello) andava fazendo chiquê commigo. Apesar dos nossos vinte longos dias de namôro, tempo sufficiente para nos conhecermos bem, ella não tinha a minima intimidade commigo... E vocês sabem como sou sensivel... Aquelles labios de coral me tentavam... Mas, a cada tentativa, recebia um contra que me desencorajava por completo. Usei todos os trucs da antiga e moderna escolas... Contei que S. Thomaz aconselhava os catholicos a se beijarem; citei Socrates, Platão, Aristoteles e outros philosophos. Mas, qual! A pequena era indomavel, dura na quéda e não adheria mesmo...

Ora, acontece que, na semana passada, vinha eu lendo um caso escabroso de amores entre um homem casado e uma moça solteira, quando meu cerebro se illuminou ante a apreciação do jornalista que tratára do caso: "Certamente as mulheres têm mais confiança nos homens casados que nos solteiros, cuja leviandade os leva a contar tudo quanto fazem... O homem casado tem responsabilidade, e, portanto, é o primeiro a guardar sigilo das suas aventuras... por causa da patrôa"... Quem sabe si era a falta de confiança que fazia com Flora resistisse tanto? Durante a viagem do bond estudei um plano para vencêl-a e preparei-me para pôl-o em execução. Desmanchei o cabello, sujei um pouco a minha roupa, desfiz o laço da gravata, para ter o aspecto de quem vem de uma briga. E, com a cara amarrada, apresentei-me a Flora.

De Ary Kerner

— Que é isso, Tonico! Que ares emburrados são esses?

— E' isso mesmo... Hoje estou por conta!

— Mas, que houve? Que fiz eu?

— Que houve? Dei o castigo merecido a um miseravel! Covarde! E bufava como louco.

— Afinal de contas, que se passou? Brigaste?

— Sim! Briguei! Mostrei a um individuo vil que não nos devemos vangloriar da fraqueza de outrem!

— ?

Imagina que, antes de te conhecer, fui namorado de uma pequena muito distincta... (frisei o distincta) e educada. Pois bem; um patife, que é o seu actual namorado, veiu me contar vantagens, dizendo tê-la beijado, que ella é da fuzarca, etc...

— Diffamador! — disse Flora, colerica.

— E eu, então, não resisti. Dei-lhe o castigo merecido! Parti-lhe a cara! Nunca mais elle abrirá a bôcca para falar de uma mulher!

Tiveste um bello procedimento, Tonico!

— Pois é, meu amôr... Mesmo que ella o tivesse beijado, isso são fraquezas a que uma mulher que ama difficilmente resiste... Eu seria incapaz de tal gesto.

— O' Tonico! Como eu te amo!

E assim, meus amigos, tive a prova de que era a falta de confiança que me prejudicava...

— Ganhaste o beijinho...

— Sim... e mais alguma coisa... Casei-me com ella...

— !!!!???...

— Então, desta vez, foste vencido... Esta ultima batalha foi a Waterloo da tua carreira amorosa...

— Enganas-te... Flora tem mais de dois mil contos...

Estavam explicadas as franquezas do Tonico. Elle pagára as passagens e os cafés com o cobre da pequena...

Cozinheiro improvisado. — Receio que tenha cozinhado demais. Quando comeres, recorda-te de que os pedacinhos completamente pretos são salsichas, e os menos preto, ovos fritos...

O DENTISTA FALSARIO

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

— O plano é magnifico, exclamou o conde, e deve ser approvado por acclamação.

"A minha carruagem está defronte da porta trazeira do predio, e julgo que o transporte de um caixão de defuntos não attrahirá a attenção de ninguem.

— De certo. De mais a mais, a noite está escura como breu, e da porta ao carro são tres passos apenas, observou Harper.

"Vem, William, para me ajudares a trazer o caixão e nelle mettermos o famoso Sherlock Holmes, com os devidos respeitos.

"Deus queira que a cama que lhe vamos dar não seja muito dura!

Qual seria o homem, a não ser o grande policia, que teria o sangue frio necessario para não se levantar e procurar fugir, com alguns tiros de revolver, á terrivel sorte que o esperava?

Sherlock, nem pela idéa lhe passou alterar de qualquer modo o curso dos acontecimentos.

Pelo contrario: a perspectiva de uma jornada a Springfield, nestas circumstancias, a certeza de conhecer todos os segredos dos moedeiros falsos, enchiam-n'o de alegria.

Uma unica coisa o contrariava; era a sahida do caixão por uma porta opposta áquella, vigiada pelo seu discipulo Harry.

O rapaz não saberia, decerto, que o predio tinha duas entradas. Nem a Sherlock havia occorrido semelhante hypothese.

Mas não teve muita duvida.

Resolveu portar-se, como se o narcotico tivesse produzido realmente os seus effeitos.

Quando o dentista e William sahiram, ficaram sós Edith e o conde, que pareciam esperar com impaciencia o momento decisivo.

Os dois, tinham coisas importantes a dizer, porque Edith lançou-se nos braços do conde, e murmurou em voz baixa e dolorosa:

— Então, ficamos entendidos, só para nós ambos, Lancelot? Fugirás commigo?

— Sim querida! Primeiro nós. Que nos importam os outros? Loucos seriamos se lhe dessemos partilha!

Assim que as cento e vinte e cinco mil libras que faltam estejam feitas bateremos as azas de casa.

Além de nós, ninguem apanhará um real.

— E tu, amas-me? promettes amar-me sempre, querido?

PEQUENA

E não é que eu te achava esquisita,
Silenciosa,
Entre sympathica e bonita,
E agora por ti tenho um estranho pendor,
Uma attracção nervosa,
Quasi amor?
E não é que adivinho
Em tuas curvas de onda
Que me fazem mal,
Um pedacinho
De Gioconda,
Uma parte sensivel do meu ideal?

Vê como é a vida:
Ha minutos eu te era quasi indifferente
E agora estou crente
Que o teu
Destino de flor é um pedaço do meu.
E' mesmo assim a vida,
Inda ha bem pouco estavas simplesmente
Entre quasi querida e quasi indifferente
E ja és muito mais do que quasi querida.

VENTURELLI SOBRINHO

(Do livro inedito — "Meu Palacio de Estrellas" — premiado com "Menção honrosa da Academia Brasileira" em 1930.).

— Que pergunta, Edith! Reservo todo esse oiro para tornar-te a vida feliz, e tudo que a riqueza e o luxo podem proporcionar será para ti!

— Tencionas fugir commigo?

— Ouve bem, Edith, respondeu Ulmwood em voz baixa:

"Seria bom que, esta noite ainda, me acompanhasse a Springfield, sob qualquer pretexto.

"Franz Korber, o allemão, disse-me que esta noite iam começar a bater moeda.

"Em estando tudo afinado, pouco tempo gastarão na tarefa.

"Metterei todo o dinheiro numa grande mala, e fugiremos, dizendo que vamos levar o ouro para Londres, onde, realmente, entraremos para mesmo nessa noite partir para o continente.

"Em Paris entregarei o dinheiro a um sujeito conhecido — tenho lá gente minha — que m'o trocará num dia,, em notas do Banco de França.

"E depois, querida, o caminho de ferro do Meiodia, para o Ciel d'Azur — descanço na Baviera — e, quando nos aborrecermos de lá estar, partiremos para a Africa e seus profundos desertos...

— Excellente plano! exclamou Edith. Deixa-me abraçar-te, Lancelot. Não imaginas siquer quanto amor te consagro! O ciume tem me trazido louca estes ultimos dias.

— O ciume?

— Sim, ciume de ti, porque te amo! A mulher deste allemão de Springfield lançou-me pela primeira vez olhares esquisitos. Não nega que é allemã. E, quem sabe se tu a preferes a mim.

Sherlock Holmes, menos obsecado, podia entreabrir os olhos. Notou que o conde se fazia vermelho, e que tinha a voz pouco firme quando respondeu:

— O que ahi vae de chimeras, minha tontinha! Juro que só a ti é que eu amo... Mas, vem commigo esta noite, sim? Daqui a dois dias estaremos em Paris...

— Está bem, irei...

E calou-se. Soavam passos ao pé da porta, que depois se abriu, e deu entrada a Harper e William, que traziam um caixão forrado de preto.

— Ah!!... Eis a minha caixa, disse de si para si Sherlock.

-Felizmente que parece ter sido feita do meu tamanho. Não estarei muito mal alojado ali dentro.

"Caixas destas nunca se fecham hermeticamente, e não me faltará o ar, logo no principio da jornada.

"Depois, com a verruma que trago sempre conseguirei abrir uns buracos complementares!

— Aqui tens o teu caixão, Sherlock Holmes, disse

(Cont. na pag. seguinte)

OLHOS VERDES

Dizem que sois da côr lendaria da Esperança!
Tendes, tambem, um quer que seja de saudade.
Fitando-vos, resurge,
no fundo do meu sonho, a palpitar,
um bando enorme de recordações
verde-azul, côr do mar....

E fuzila no sonho a aza das caravellas
de Carthago e de Athenas,
de Roma e de Sydon.
A jornada romantica dos Gamas,
na esmeralda enormissima do Atlantico,
renasce, em tintas claras, no deserto
desta imaginação que se não cansa
e é grande qual um mundo!
Grande como a Esperança!

...Venho vindo, depois, pelos tempos em fóra:...
palpito junto ás velas cabralinas;
entro a floresta enorme, na aza das bandeiras,
e, de Piratininga a Villa Rica,
embriago-me do verde
— nas esmeraldas de Vupabussú,
— na amplidão da floresta americana,
— na côr dos sonhos bons de Fernão Dias. .

Venho marchando, ainda,
até chegar a ti.... ao teu olhar....
que dizem ser da côr lendaria da Esperança....
...e eu me fico a esperar!

J. Testa

Harper, com voz ironica. Vamos deital-o aqui dentro, e tu, Ulmwood, trata de o levar á ultima morada.

"Daqui a umas duas horas, chegarão lá e aconselho-te que ainda hoje celebrem o divertido funeral do grande policia...

— Sim. Antes disso, o hei de eu esganar. Não é preciso enterral-o vivo.

— Pensas nisso? Faze lá o que quizeres.

E Sherlock sentiu-se no ar.

Esforçou-se por dar ao corpo toda a rigidez possivel, se bem que nenhuma das quatro pessoas que o rodeavam puzesse em duvida a realidade do seu somno.

— Duro e direito como a justiça! exclamou Harper. Anda, meu velho, dorme um somno descançado, emquanto não vaes para a eternidade.

"E' verdade! Façamos-lhe um discurso funebre á beira do caixão.

— Um discurso! Bem lembrado, gritaram os quatro cumplices. Tem a palavra, mestre Harper.

— Pois, sim; mas acho bom acompanhar um acto tão solenne com um pouco de champagne. William, vae buscar uma garrafa e taças.

O policia ouviu saltar a rolha e tocarem as taças.

A esse tempo elle já estava dentro do caixão e este descançado sobre algumas cadeiras.

Harper tomou uma attitude solenne, deu ás feições expressão dolorosa e começou:

"Meus senhores.

"E' um morto illustre, este que hoje conduzimos a sua ultima morada. Taes foram os serviços por elle prestados á justiça humana que mereceu ser appellidado o maior policia deste mundo.

"Nem um só criminoso podia subtrahir-se ao seu fino zelo, e dona Themis o nomeára seu primeiro e mais incansavel sabujo."

— Sim, e que te ha de morder nas pernas, antes de pouco tempo, pensou o policia, que se deu a tratos para conter o riso e não fazer estalar as juntas dos dedos.

"Que é feito desse luminar da justiça? continuou o orador. Eil-o tristemente extincto e este homem de brilhante intelligencia, que outr'ora enchia o mundo com o ruido das suas façanhas, deve hoje contentar-se com quatro taboas que, daqui a pouco, estarão cobertas de terra!

"Elle, o grande caçador de homens — o habil policia — ficará reduzido a dar caçada os vermes na sua subterranea morada, e muito receio, meus senhores, que esses vis animaes em pouco tempo lhe dêem cabo da douta carcassa, de que restará somente, como diz o poeta, um

"hideux sourire sur des os decharnés".

"Relevem, meus senhores, á commoção de um amigo verdadeiro, o fim rapidissimo deste elogio funebre e consintam que eu termine com uma supplica:

"Possa o céo não mas suscitar um outro Sherlock Holmes, um outro homem capaz de perseguir, com a sua implacavel energia e habilidade consummada, os assassinos, os ladrões, os incendiarios — sem excepção dos moedeiros falsos.

"E agora amigo, paz ás tuas cinzas, e que a tua alma... vá para o diabo!"

Caiu a tampa, e fechou-se o caixão, com estrondo. Sherlock Holmes, depois percebendo que o aparafusavam, despediu-se, em pensamento, do mundo.

Desta vez, sorriu elle, a valer.

— Julgas que morri. Mas a minha resurreição está proxima... não esperarás muito tempo!

— Levantem o caixão, e levem-no para o carro, mandou Harper.

"Devagar! William, veste um casaco velho e põe um bonet. E' necessario que não te conheçam.

Embrulhe-se tambem, Ulmwood, mas, passe para a frente, e diga a Parkins que corra quanto puder através de ruas de Londres. Ouviu?

E, a senhora, Edith, quer dizer alguma coisa a seu irmão?

Sherlock Holmes não ouviu, mas comprehendeu que Edith pedia a William licença para acompanhar Ulmwood a Springfield, sob um pretexto qualquer.

Depois desataram os quatro a rir, e William dizia

— Ah! ah! effeitos do Champagne... Vae, vae que eu logo digo ao velho que ficaste fazendo companhia a uma amiga.

Nova risada.

— Diverte-te por lá e, quando te fartares, volta pa Londres.

Levantaram o caixão, e Sherlock Holmes sent que o levavam.

— Vamos lá! agora, para Springfield! para a cova! Mas, então, Sherlock Holmes lhes mostrará que não está morto, miseraveis!

CAPITULO VI

NO CEMITERIO

O leitor facilmente acreditará, que as duas horas de desenfreada carreira até Springfield, pareceram ao nosso policia dois seculos.

Apesar de haver conseguido, sem ruido, abrir uma taboa da tampa do caixão, o que lhe permittia respirar melhor, comtudo, o fingido morto, ia muito incommodado pela posição forçada a que o obrigava a estreiteza do continente. Além disso a perspectiva de ser enterrado vivo não era coisa que o divertisse.

Por extraordinaria felicidade, o caixão não ia dentro do carro, mas na boléa.

Parkins, o cocheiro, tinha levantado muito o guar-

...ma e ia com os pés em cima da tampa do caixão.

Tudo isto favorecia a policia, que podia assim ser-...se das suas ferramentas.

De mais, o barulho das rodas nas calçadas da ...dres não deixava ouvir coisa nenhuma.

O policia não receiava morrer por falta de ar. Ia ...parado para eventualidade. Mas precisava sahir ...caixão o mais depressa possivel.

Fosse como fosse, estava resolvido a ir até onde ...queriam levar...

...final o trem parou, e ouviu-se a voz de Ulmwood ...nar:

— Parkins, deixa a grade aberta, e vae á procura ...John. Elle te ajudará á levar o caixão para o ...miterio, onde o porás ao lado da sepultura, que ...iram esta manhã para o velho chuva de Dunhar. De manhã cedo, devem enterral-o. Mas, noutra ...a, porque essa está reservada para melhor em-...go.

E tu, minha querida, vem para o castello. Vou ...tar de pôr-te ao abrigo da intemperie e o pé do ...o. Depois irei ter com o prior e sacristão para ...terro do nosso companheiro de jornada.

— Sir, o caixão não pesa tanto que eu, só, não ...sa leval-o ás costas respondeu Parkins. Para que ...commodar John com o frio que está fazendo?

— Bom, pois então vás, respondeu o conde. Mas, tem cuidado de o não deixares cahir, que ...abrir-se...

— Não tem duvida, sir.

...cocheiro, que devia ser de uma força herculea, le-...ou o caixão como se fosse uma penna, e carregou ...elle ao hombro, sem dar mostras do minimo ...

...rlock Holmes continuava quieto, no fundo do ...ão. Comprehendia que se aproximava o desenlace. ...a no inverno. Havia dias que a neve cahia, de um ...do desusado e raro na Inglaterra.

...naquelle mesmo instante, tanto se aggravou a ...pestade, que Parkins teve seria difficuldade em ...el-a.

Por vezes, descançou o caixão sobre a espessa ca-...a de neve que cobria o solo.

— Que terrivel frio que faz! ouviu-lhe Sherlock ...lmes dizer.

E o homem esfregava as mãos com força.

— Felizmente, esta vida de cão não durará muito. O conde disse que cedo teriamos a partilha. Meu Deus! quando eu apanhar o dinheiro, não serão dez dias capazes de me prender nem mais um momento aqui onde tanto me aborreço e, não sei porque, vivo inquieto e desconfiado. Não tem que ver; nem mais um segundo por aqui ficarei, depois dos cobres na algibeira.

"Vamos lá á casa do prior e do sacristão dizer que o conde deseja falar-lhes. Raio de officio! Sucia de malandrins! Engordam com a moeda falsa! E' isto! Um officio canalha, e o pescoço sempre estendido á espera dos affagos do carrasco!

Calou-se.

Sherlock cuidou que elle se tinha ido embora. Para mais segurança, esperou alguns minutos. Depois, metteu mãos á obra.

Tirou um alicate da algibeira, e começou arrancar as dobradiças do caixão.

Como não trabalhava á vontade, levou esta tarefa bem os seus dez minutos.

Sherlock Holmes dizia comsigo que, se não conseguisse safar-se immediatamente do embaraço em que por vontade, se tinha mettido, era uma vez um homem: estava perdido, infallivelmente.

Ulmwood não tardaria a chegar com os seus cumplices.

O caixão seria logo lançado na cova já aberta, coberto de terra e prompto!

Por isso trabalhava febrilmente com frenesi.

No fim de muita lida, a tampa abriu de um lado. Sherlock Holmes forçou a brecha de modo que o seu corpo magro já por ali podia passar para fóra.

E, com effeito, passou, cahindo sobre a neve onde ficou por instantes estendido.

Ah! Que deliciosa sensação causou-lhe o ar livre! Agora respirava, como nunca o tinha feito em sua vida, e acabou por se pôr de joelhos, a olhar para tudo que o rodeiava, com muita attenção.

Atraz de si estava aberta uma profunda sepultura.

Arrastou-se até á beira.

Er o cemiterio do povoado de Springfield, um mi-

(Cont. na pag. seguinte)

seravel cemiteriosinho, crivado de sepulturas que a neve encobria.

Por cima de cada uma dellas, as cruzes de madeira furavam a camada espessa de neve. Havia alli alguns mausoléos, mandados levantar por gente rica, de passagem na localidade.

— O essencial, pensou Sherlock Holmes, é que os moedeiros falsos quando voltarem, não encontrem o meu caixão vazio.

Para isso, é necessario que eu lhe metta dentro qualquer coisa, que tenha, pouco mais ou menos, o meu peso. Que ha de ser?

A lapide? E' pesada e grande de mais!

O policia, então, viu, ao longe, uma luzinha que sahia da janella de uma pequena casa; provavelmente, a sala dos mortos em observação.

Para lá se dirigiu, o mais depressa que poude, andando curvado.

Quando chegou perto da casa, olhou para dentro, e viu que não se tinha enganado.

Era um compartimento caiado, com um esquife em cima de dois cavalletes, aberto, e contendo o corpo de um homem recentemente fallecido.

Devia ser o tal Dunbar, o bebado, cuja inhumação o conde Ulmwood annunciara para o outro dia de manhã cedo.

Sherlock Holmes foi á porta, abriu-a facilmente com uma gazúa, entrou, e, sem hesitar um moment, carregou com o cadaver ás costas.

Voltou ao seu proprio caixão, deitou o homem dentro e fechou o melhor que poude.

Apenas havia atarrachado o ultimo parafuso, ouviu vozes, ainda longe.

Fugiu para uma tumba visinha, estendeu-se no chão, tendo o cuidado de se cobrir de neve, para dissimular completamente a sua presença alli.

Fóra da neve, só tinha a cabeça. Assim, teria a consolação de não perder nada do que se ia passar.

— Mais fantastico não póde ser! pensou elle. Vou assistir ao meu proprio enterro. Ah! ah! Sou um ser extraordinario! Só a mim é que isso acontece!

Vinham então chegando cinco homens. Lutavam com a tempestade que lhes arrancava os capotes em em que se agasalhavam.

Um delles trazia uma lanterna, e outros dois, pás e picaretas.

Quando chegaram ao pé da sepultura, Sherlock Holmes conheceu Ulmwood. Ao pé delle um sujeito, de cara rapada, provavelmente o padre prior de Springfield, e um outro, de cabello grisalho, embrulhado numa capa, com bonet de pelles, que parecia ser o sacristão, e era quem trazia a lanterna.

Os outros dois eram, sem duvida, Parkins e John, elevados á dignidade de coveiros.

— Vamos a isto depressa, disse Ulmwood. Trouxemos um morto de Londres. O senhor prior não se oppõe ao seu enterro neste cemiterio, não é assim? E' um dos meus amigos, e desejo visitar-lhe a tumba amiudadas vezes!

— Ah! patife! disse de si para si Sherlock Holmes. O prior está farto de saber a historia. Pertence á companhia, e, gostosamente concederia licença de enterrar alli Sherlock Holmes, seu mortal inimigo.

— Defiro com mil vontades o requerimento do Castellão de Springfield, respondeu o padre, com voz melíflua. Este morto poderá dormir o seu derradeiro somno no nosso pequeno cemiterio. Vamos, amigos, ponham o caixão na cova!

Levantaram o caixão mortuario, suspenso em duas cordas e deixaram-no cahir no fundo da sepultura.

Depois, John e Parkins começaram a deitar terra ás pásadas até encher o buraco.

Mas, a comedia não se acabara.

O prior recitou a oração de defuntos, e Ulmwood e os outros concluiram com um amen em voz alta.

— Só por esta cerimonia impia os patifes mereciam a prisão, pensou Sherlock Holmes. Mas, daqui é que elles não se escapam... e amanhã, o mais tardar, todas estas lindas aves estarão na gaiola.

— Faz um frio de trezentos diabos! exclamou Ulmwood. Vou para o castello, tomar alguma coisa quente. Os meus amigos já sabem onde nos encontraremos esta noite. Vão com Deus. Tenho uma palavrinha que dizer ao nosso prior.

Os outros partiram, e Ulmwood ficou só com o padre.

— Prior, tenho uma communicação terrivel que fazer-te, começou o conde, quando se encontraram sós com o digno servo de Deus. Por isso, despedi os outros. Sei que és um homem capaz de te atreveres a tudo, em circumstancias que a isso obriguem.

— Que ha de novo, Ulmwood? Assustas-me.

— Vamos ser trahidos. Com grandissima difficuldade, pude retardar o momento fatal, trazendo para o castello aquella que nos vae perder a todos: Edith!

— Edith Brocks? Ah! ainda agora acabamos de escapar de um perigo, enterrando vivo esse infernal Sherlock.

— Para cahir noutro peor... a traição de um dos nossos... Tenho provas. Edith quer entregar-nos á policia. Ainda me não disse nada; mas, se ella sae amanhã de Springfield para voltar a Londres, roe-nos a corda.

— E porque é que nos trahe? Não temos nós sido honestos para com ella nas partilhas?

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Gyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 13, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

ORF LÉNE

Liquido

O MELHOR E MAIS PRATICO

conserva os cabellos sedosos e facilita a ondulação permanente

DISTRIBUIDORES PARA TODO O BRASIL

AMÉRICO & CIA

RIO DE JANEIRO

RUA SETE DE SETEMBRO-86